



**INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CAMPUS MESQUITA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

LEONARDO SOUZA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE
ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO
SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (EPT)**

Mesquita

2023

LEONARDO SOUZA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE
ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO
SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (EPT)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Mesquita do Instituto Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior

Mesquita

2023

S237c

Santos, Leonardo Souza.

A construção da identidade profissional dos trabalhadores de arquivo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) à luz da educação profissional e tecnológica. – Rio de Janeiro: Mesquita, 2023.

107 p. il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – do Programa de Pós-Graduação do IFRJ / Campus Mesquita, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Heleno Alvares Bezerra Junior.

1. Identidade profissional. 2. Formação omnilateral. 3. Memória Institucional. I. Santos, Leonardo Souza. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

Diss./ IFRJ/ProfEPT/PG.


LEONARDO SOUZA SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE
ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO
SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (EPT)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 06 de outubro de 2023.


COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 HELENO ALVARES BEZERRA JUNIOR
Data: 30/11/2023 17:38:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior


Instituto Federal do Rio de Janeiro

Orientador

Documento assinado digitalmente
 GABRIELA VENTURA DA SILVA DO NASCIMENTO
Data: 01/12/2023 10:45:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento.

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 JOAO MARCUS FIGUEIREDO ASSIS
Data: 13/12/2023 18:24:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LEONARDO SOUZA SANTOS


**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE
ARQUIVO: ROTEIRO PARA UMA RODA DE CONVERSA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 06 de outubro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente


 **HELENO ALVARES BEZERRA JUNIOR**
Data: 30/11/2023 17:38:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Orientador


Documento assinado digitalmente

 **GABRIELA VENTURA DA SILVA DO NASCIMENTO**
Data: 01/12/2023 10:48:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento.

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente

 **JOAO MARCUS FIGUEIREDO ASSIS**
Data: 13/12/2023 18:24:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Às mulheres e aos homens arquivistas,
que classificam, avaliam, descrevem e
difundem, não apenas documentos, mas
o valor além deles: de histórias, vidas,
memórias. Pessoas de lutas, no fazer e
no pensar, essa pesquisa é dedicada a
você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo, por Seu amor incondicional, pela força quando mais precisei.

Um agradecimento muito especial aos participantes E1, E2, E3, E4 e E5, anônimos na pesquisa, mas famosos em meu coração.

À Beatriz, arquivista que também me ajudou muito com seus comentários, sua perspicácia e principalmente sua paciência.

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior, a quem confiei minhas angústias e quem sempre me guinchava para o norte.

Ao prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis, a quem a palavra mestre faz todo o sentido. Obrigado, meu mestre.

Aos meus colegas de mestrado, cúmplices nessa jornada, com quem dividimos os medos e as esperanças. Amigos, chegamos!

A todos os professores do programa PROFEPT, IFRJ – campus Mesquita –, que desde a primeira aula sempre estiveram tão solícitos e atenciosos em compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço à minha mãe, quem amo (e quem me retribui seu amor) desde o meu primeiro choro.

Ao amigo Carlos Roberto, por sempre ter tempo para ouvir um lamento e inquietação.

À Camila, minha ajudadora. Com quem compartilho meu fardo.

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”
(Lamentações, capítulo 3, versículo 21)

RESUMO

A formação da memória institucional, entre outros fatores, relaciona-se com o pensamento crítico de seus agentes como parte das atividades laborais, e a necessidade de um constante processo de aprendizagem, fruto da autorreflexão e da consciência, marcadores de sua identidade profissional. A partir dessa compreensão, esta pesquisa pretendeu contribuir com o processo de construção da identidade profissional de servidores atuantes nos arquivos do CEFET/RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca) nos *campi* Angra dos Reis, Itaguaí, Nova Iguaçu e Nova Friburgo através de recursos didáticos que lhes permitissem refletir sobre suas funções como mantenedores da memória institucional, transcendendo práticas laborais intelectualmente limitantes e meramente mecanicistas. A manutenção a que nos referimos foge de uma percepção cristalizada sobre o passado. Com base em teóricos como Stuart Hall (1998) e Maria Ciavatta (2005), entendemos a manutenção da memória arquivística como um exercício de análise contínua para que o profissional do arquivo, além de se colocar como mantenedor de documentos, aja como um facilitador de acesso a registros e se posicione como um intelectual em sintonia com correntes teóricas contemporâneas que retratam a mobilidade da identidade profissional e a natureza viva da memória institucional em articulação com a realidade de hoje e do futuro. Para tanto, lançou-se mão da base conceitual da EPT, em autores como Frigotto (2009) e Saviani (2007), para uma análise crítica das relações de trabalho e a educação; também de teorias que problematisassem o processo de formação de identidade e da memória institucional, apoiado em autores como Pollack (1989), Le Goff (1990), Nora (1993) Velho (1988) e Assmann (2011), e de estudos que analisassem as práticas arquivísticas, de organização da informação e disseminação do conhecimento. Também foram abordadas questões como a fragmentação do trabalho e a figura do trabalhador moderno e sua atuação mecanicista e espacialmente limitada (Antunes, 2009). Esta pesquisa iniciou-se apoiada na premissa que as atividades de arquivo são carregadas de estereótipos negativos, resultado do desconhecimento, e planejou, então, a partir da base teórica referenciada e da participação dos trabalhadores em arquivos do CEFET/RJ, investigar a plausibilidade dessa estereotipação e o possível impacto entre os servidores participantes do estudo. Os dados foram coletados, através de questionários virtuais e uma roda de conversa, apresentando questões

ligadas à exibição de trechos de vídeos que estimulassem os participantes a refletir e expor suas percepções sobre o tema com base na EPT, considerando a memória e organização das profissões envolvidas no Instituto Federal em que atuamos, a saber: técnicos e auxiliares de arquivo, bibliotecários etc. A questão da memória foi desenvolvida a partir de um comparativo histórico entre o perfil dos primeiros arquivistas e a atuação dos profissionais de arquivo nos dias de hoje. No que tange à organização, discutiu-se quais tarefas desempenham tais profissionais nos dias de hoje no CEFET/RJ e o que precisa ser repensado. Após a verificação dos dados que corroboraram com a premissa formulada, a pesquisa desenvolveu um produto educacional baseado nos pressupostos da EPT que lançou luz na questão do papel e da identidade intelectual dos profissionais supracitados nos dias de hoje, ressaltando a importância de serem mais que servidores com incumbências mecanicistas e a relevância de pensarem seu papel e identidade intelectuais numa instituição educacional da rede federal hoje e amanhã.

Palavras-Chave: Identidade Profissional. Formação Omnilateral. Memória Institucional.

ABSTRACT

The construction of institutional memory, among other factors, is supposed to promote critical thinking. Therefore, people who work with institutional memory need to learn constantly, get updated, and raise self-awareness based on intellectual reflections. Departing from this premise, this research expects to have contributed to the professional identity-building of CEFET/RJ archive workers based at the following campuses: Angra dos Reis, Itaguaí, Nova Iguaçu and Nova Friburgo through technological teaching tools which allowed them to reflect upon their role as institutional memory preservers whose duties go beyond manual work. By memory preservation, I don't mean a crystallized perception of the past from an outdated standpoint. Instead, based on theorists like Stuart Hall (1998) and Maria Ciavatta (2005), I refer to preservation as an ongoing analytic practice about the elaboration of memory, in a way that their preservers can allow you to travel back in time to consider what archive workers used to be, how they are deemed in the present, and what they

intend to be in the future. To this end, EPT (Professional and Technological Education) principles were used for a critical analysis of work relations and education in authors such as Frigotto (2009) and Saviani (2007). Likewise, theories about identity building, institutional memory and studies, supported by authors such as Pollack (1989), Le Goff (1990), Nora (1993) Velho (1988) and Assmann (2011), that analyze archival practices, information organization and knowledge dissemination were used as theoretical support. Issues such as the fragmentation of work and the figure of the modern worker and their mechanistic and spatially limited performance were also addressed (Antunes, 2009). In fact, the research was based on the hypothesis that archivists are associated with negative stereotypes and forms of prejudice as people neglect what they do. Owing to it, a piece of research with archive workers from CEFET/RJ was carried out expecting to investigate how far derogative names impact them emotionally. The data collected from Google Forms and a discussion group presenting questions and video clips were used to encourage the participants to muse on the topic based on EPT regarding institutional memory, the professional organization in the Federal Institute in which archive technicians and archive assistants, librarians etc. work. The prime discussion about memory departs from a historical comparison between the first archivists and contemporary archivists. Concerning the institutional organization, what activities such workers carry out at CEFET/RJ, and what needs to be improved were highlighted. After checking the data that corroborated with the hypothesis, the researcher organized a group discussion based on EPT, stressing the fact that archive workers can perform intellectual activities as well as manual work and that they should think about their roles and professional identity as permanent workers at a Brazilian federal educational institution today and tomorrow.

Keywords: Professional Identity. Polytechnical Education. Institutional Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Telas do questionário	35
Figura 2 - Apresentação e debate de uma matéria, durante o curso de capacitação	38
Figura 3 - Apresentação do trailer do filme Narradores de Javé, durante o curso de capacitação	39
Figura 4 - Cena do filme Anti-herói americano, com uma questão relacionada	41
Figura 5 - Esquematização do questionário	43
Figura 6 - Esquematização do produto educacional	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	44
Quadro 2 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	44
Quadro 3 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	45
Quadro 4 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	46
Quadro 5 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	46
Quadro 6 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	47
Quadro 7 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	48
Quadro 8 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	49
Quadro 9 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	49
Quadro 10 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	50
Quadro 11 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	51
Quadro 12 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	51
Quadro 13 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	53
Quadro 14 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	53
Quadro 15 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	53
Quadro 16 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional.....	55

Quadro 17 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional	56
Quadro 18 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional	65
Quadro 19 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional	53
Quadro 20 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional	53
Quadro 21 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional	66
Quadro 22 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional	66
Quadro 23 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional	66
Quadro 24 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional	67
Quadro 25 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD – Análise do Discurso Dialógico

CEFET/RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

CPAD – Comissão Permanente de Avaliação de Documentos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

UnED – Unidade Descentralizada de Ensino

RFEPCT – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SISU – Sistema de Seleção Unificada

Sumário

INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 O ARQUIVISTA NO TEMPO E NO ESPAÇO.....	19
2.2 IDENTIDADE, INFORMAÇÃO E APRENDIZAGEM	20
2.3 O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	23
2.4 IDENTIDADE PROFISSIONAL E MEMÓRIA SOCIAL – ARTIFICILIADES DO FAZER CRÍTICO	25
2.5 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO E OS PROFISSIONAIS DE ARQUIVO	27
3 METODOLOGIA.....	31
3.1 FASES DA PESQUISA	32
3.1.1 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	34
3.2 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
3.3 PRODUTO EDUCACIONAL.....	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
4.1 FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS	41
4.2 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	42
4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	43
5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	59
5.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	59
5.2 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	73
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS E PRÉ-ATIVIDADE PARA A APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	105
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	107

INTRODUÇÃO

A escola ultrapassa a ideia de ser um espaço físico, formado, apenas, por um prédio com salas, lousas, carteiras onde aulas são ministradas. Está envolvida nos processos de criação, transmissão e transformação do conhecimento. É constituída por espaços formais, não formais e informais de aprendizagem, que cooperam para consolidar processos educacionais. Além de professores, os profissionais de informática, limpeza, manutenção, contadores, seguranças, psicólogos, administradores, inspetores, auxiliares administrativos etc. atuam interdisciplinarmente, demonstrando que educar não é uma atividade isolada. Pelo contrário, o perfil educacional de uma escola também depende de alunos, que participam do movimento educacional e ajudam a delinear o perfil da instituição.

Esta lista de trabalhadores inclui os profissionais que atuam nos arquivos, tais como: arquivistas, técnicos e auxiliares de arquivo, bibliotecários, profissionais de informática, que, dentre outras funções, são responsáveis pelo tratamento das informações arquivísticas institucionais, registradas em documentos de quaisquer suportes ou formatos, a fim de garantir o acesso a registros e contribuir para a criação de um acervo de memórias dentro de uma instituição. Entretanto, nem sempre as funções cabíveis a estes profissionais são colocadas em prática nas instituições que atuam. Por vezes, aqueles que desempenham cargos administrativos desconhecem quais papéis podem desempenhar os profissionais da Arquivologia e Biblioteconomia, relegando-os a práticas intelectivas limitadas. Iniciamos a pesquisa a partir da hipótese de que a estereotipação das atividades laborais envolvendo arquivos seja algo que possa afetar a autoestima dos profissionais implicados e, por consequência, trazer impactos negativos ao desempenho e à participação efetiva de tais servidores no desenvolvimento de processos educacionais.

Dessa forma, a pesquisa pretendeu contribuir para a construção da identidade do servidor, profissional de arquivo, ressaltando seu papel como agente de transformação e organizador do registro histórico institucional, a pessoa responsável pelo acesso a documentos e um intelectual capaz de compartilhar com o corpo discente, por exemplo, conhecimentos sobre a memória enquanto elemento constitutivo da escola etc. (Ciavatta, 2005). A presente pesquisa apoiou-se na análise crítica dos pares sobre as profissões ligadas ao arquivo, segundo a qual, o arquivista, o auxiliar do arquivo e o bibliotecário tendem a ser enxergados de forma estereotípica, devido, principalmente, ao desconhecimento de membros da administração escolar

quanto ao papel intelectual de tais profissionais. E para a compreensão das questões ligadas à identidade profissional, à escola como lugar de criação de memórias e às relações de educação e trabalho, recorreremos à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como base conceitual no intuito de apresentar os sujeitos envolvidos como profissionais capazes de fazer atividades que transcendam práticas mecanicistas e irreflexivas.

Afinal, falar sobre o ensino fora da sala de aula é importante para ampliar o escopo organizacional de espaços, compreendendo que a aprendizagem também se dá fora dos espaços formais da educação. Abordar a educação profissional a partir dos espaços não formais de aprendizagem (Gohn, 2010) do CEFET/RJ é significativa para a propagação da informação, organização do conhecimento e proveito da memória institucional ali produzida.

Sobre a base conceitual da EPT, questões relativas ao desempenho intelectual do profissional serão apresentadas principalmente à luz de Ciavatta, posto que a teórica, ao aludir a Karl Marx, aprofunda o debate sobre a autorreflexividade profissional, contemplando a condição dos servidores enquanto agentes de transformação no espaço laboral, além de apontar a escola como um espaço de construção de memórias e identidades (Ciavatta, 2005). Para ilustrar situações pertencentes à proposta, obras cinematográficas e televisivas foram utilizadas a fim de retratar, de forma sucinta, a rotina ocupacional dos profissionais nos arquivos ontem e hoje no universo patrimonial de modo a suscitar reflexões e elucidar quais aspectos mecanicistas precisam ser suplantados e que potencialidades intelectuais os profissionais em voga poderão desenvolver no cotidiano a partir da formação em trabalho proposta neste projeto.

Usando ilustrações artísticas como instrumentos para reflexão teórica, foi importante, para o desenvolvimento do projeto de pesquisa investigar, do ponto de vista do labor, em que medida os arquivistas, bibliotecários e afins operam como produtores e reprodutores de saberes em suas distintas atuações e se se reconhecem como tais. A partir da rotina laboral na instituição, infere-se que os referidos profissionais vivem em isolamento social no espaço de trabalho, o que levou, como base para o desenvolvimento da pesquisa, buscar respostas para os seguintes questionamentos: 1) Como tais profissionais enxergam-se nas dependências do *campus* do CEFET onde atuam e quais suas atitudes perante colegas de trabalho de outros setores? 2) Quais suas percepções profissionais quanto às atividades que

desenvolvem? 3) Há, de certo modo, o silenciamento e passividade desses servidores? Se sim, como impactam a construção da memória cultural institucional? 4) Em que medida os arquivistas e outros trabalhadores correlatos interagem no processo de ensino profissional e tecnológico?

De igual modo, para discussão do tema identidade profissional bem como memória institucional, foi necessário examinar as ideias de Hall (1998), Pollak (1989), Le Goff (1990), Nora (1993), Velho (1988) e Assmann (2011), que subsidiaram a formulação de indagações para a coleta e análise de dados dos participantes da pesquisa e a composição do produto educacional que impactasse, sob uma perspectiva omnilateral¹, o cerne da questão já exposta. Também ressaltamos que, para o embasamento da pesquisa, encontrar-se-ão pensamentos como Ricardo Antunes (2009) e István Mészáros (2008) e, corroborando a fala de Ciavatta (2005), outros teóricos da EPT, como Frigotto (2009) e Saviani (2007).

QUESTÃO-PROBLEMA:

Como contribuir, à luz da EPT, para a fortalecimento da identidade profissional volitiva, minorando os impactos na rotina laboral dos trabalhadores de arquivo, distribuídos entre as *UNEDs* (Unidade Descentralizada de Ensino) do CEFET/RJ?

OBJETIVO GERAL:

- Facilitar o processo contínuo de construção identitária e atuação profissional do servidor atuante nos arquivos do CEFET/RJ, enquanto intelectual e agente de transformação da memória institucional, por meio das bases conceituais da EPT.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender o processo de estereotipação das atividades laborais de arquivo, entre os trabalhadores do CEFET/RJ, e seus impactos na construção identitária dos servidores envolvidos;

¹ Um processo formativo em sentido amplo e universal, não limitando as relações entre educação e trabalho como mercadoria e sim como ferramentas de emancipação (Saviani, 2003).

- Evidenciar o fazer intelectual desses profissionais como agentes garantidores da memória;
- Contribuir, com a aplicação do produto educacional, afinado com pressupostos da EPT, capaz de ampliar a formação dos servidores, sob os aspectos identitário e funcional.

A dissertação insere-se na linha de pesquisa **Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)**, sob o macroprojeto **Organização de espaços pedagógicos da EPT**. Organiza-se da seguinte maneira: o Capítulo 1 da pesquisa tem como fundamentação teórica a relação entre identidade e a EPT no ambiente de trabalho, conceitos sobre identidade e memória e alguns aspectos da ontologia do trabalho previstos na EPT. O Capítulo 2 aponta o caminho metodológico a ser utilizado na coleta e análise dos dados. O Capítulo 3 descreve os resultados e a análise de dados que resultou na confecção do produto educacional. Por último, porém não menos importante, o Capítulo 4 detalha a elaboração, aplicação e avaliação do produto educacional.

Por ser uma pesquisa que envolve seres humanos, seu projeto foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), através do processo CAAE n. 60599622.3.0000.5268, e tendo sua aprovação em 08 de novembro de 2022, através do parecer n. 5.745.230 e aprovação do relatório final em 09 de janeiro de 2024, indicado no parecer n. 6.608.660.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ARQUIVISTA NO TEMPO E NO ESPAÇO

O surgimento da escrita pode ser considerado um divisor de águas para as ferramentas tecnológicas de comunicação. O assentamento das informações em um suporte facilitou a forma de transmissão, assimilação do conhecimento e a maneira que os povos passaram a se organizar e conviver coletivamente. Atendendo a essa demanda de ordem administrativa, percebeu-se que algumas informações poderiam ser guardadas, como referência e extensão da memória subjetiva para aplicações futuras. Daí, a ideia do arquivo não somente como local de guarda de registros públicos, mas também como um dispositivo com função histórica.

Os escribas, na personificação dos primeiros arquivistas, desempenhavam a função de produzir, organizar e custodiar parte do conhecimento. Apesar de ser uma função intelectual, ela consolidou-se com base na prática e no fazer. Com o desenvolvimento do pensamento crítico e do método científico, a atividade de organizar os arquivos contava com contribuições de áreas como a diplomática², a história e a administração. Ainda assim, por mais que se utilizassem método e lógica, tal ofício consistia num fazer intuitivo. É consenso na área da Arquivologia que, em 1898, com a publicação do Manual dos Arquivistas Holandeses³, surgiu o marco teórico da Arquivística como disciplina. Porém, autores como Luciana Duranti defendem que esse marco seja anterior, já em 1681, com a obra *De re diplomatica libri* de Jean Mabillon (Tognoli, 2010).

A Arquivologia cresceu e mudou com o passar dos séculos e o processo de colonização ocidental a trouxe para as Américas. Atualmente, no Brasil, há dezessete cursos de bacharelado em Arquivologia, divididos nas cinco regiões político-administrativas do país. A atividade é reconhecida desde 1978, pela Lei Federal nº 6.546 e regulamentada pelo Decreto Federal nº 82.590. Dentre as atribuições funcionais da profissão estão:

- “I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
- II - planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
- III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;

² Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, é “Disciplina que tem como objeto o estudo da estrutura formal e da autenticidade dos documentos”.

³ Como ficou conhecido no Brasil o livro *Manual de arranjos e descrição de arquivos* (1973).

IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centros de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;
XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
XII - desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes”.

Sob a perspectiva jurídica, observa-se que as ações de planejamento e orientação destacam-se entre as atribuições legais e ressaltam o caráter intelectual e a complexidade que a atividade demanda. Ainda assim, sob o prisma artístico, incluindo algumas obras cinematográficas que serão percorridas no estudo, existe uma realidade profissional diversa, com a figura do arquivista como um profissional isolado entre os documentos, alguém que ocupa uma função mecânica e repetitiva, que se utiliza do esforço físico e não intelectual; um profissional acanhado, relegado a porões e sem conexões com outros setores. E tais obras podem persuadir o imaginário popular ou serem fruto de influência do pensamento cotidiano. Por quê?

2.2 IDENTIDADE, INFORMAÇÃO E APRENDIZAGEM

O desconhecimento aparenta ser uma possível resposta a essas barreiras da profissão. O fazer intuitivo nascido no passado ainda parece ser lugar-comum. Ignoram talvez o fato que as atividades de arquivo buscam a interdisciplinaridade e multiplicidade de ideias. Bibliotecários, administradores, informatas, historiadores e outros profissionais em geral, desempenham papéis primordiais para a recuperação e o acesso à informação e para a preservação dos dados e suas aplicações. O arquivo não é um local de isolamento profissional com atividades manuais repetitivas ou meramente espontâneas. Mesmo assim o senso comum parece não ver lógica na adoção de um método científico para a organização de documentos.

Para Stuart Hall, o sujeito pós-moderno se opõe ao sujeito cartesiano do século XVIII, detentor de todo o saber científico e fadado a uma maturidade imutável. Diferentemente, o sujeito da pós-modernidade é cindido em diversos fragmentos que tornam a identidade cultural um somatório de referências em um contínuo processo de

transformação. Ou seja, nenhuma identidade é fechada em si mesma ou se encontra pronta. Ela se metamorfoseia a partir de processos de identificação associados ao livre arbítrio (Hall, 2006). Hall também entende a identidade não só do ponto de vista da individualidade, mas também da coletividade. Nesse sentido, a categoria profissão, situada em um determinado contexto espaciotemporal e sociocultural, enquadra-se em um dos elementos interseccionais que esse teórico culturalista descreve como identidade cultural.

A ideia de identidade evidencia-se a partir do ser, suas interseccionalidades identitárias, sensações e experiências. Há ainda o reflexo, ou seja, a alteridade do cenário exterior que o indivíduo formula, a partir de si mesmo. Ressalta-se que este não é um processo rígido, assim como a própria identidade, “definida historicamente e não biologicamente” (Hall, 2006). Sob os conceitos de identidade, Hall apresenta quatro concepções: a do sujeito do iluminismo, e o homem centrado e individualista, com uma identidade mais rígida; já o sujeito sociológico compreende a ideia do mundo mais complexo e coletivo, onde a identidade está condicionada à relação do indivíduo com outras pessoas. Para ele, outra concepção de identidade está ligada ao sujeito pós-moderno, compreendido como o sujeito que:

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Isso nos induz a pensar que, se a identidade, enquanto conceito, se mostra fluida, as identidades profissional e institucional, por definição, também se incluem em processos de transformação constantes. Semelhantemente, outros autores como Pollak (1989) e Nora (1993) também abordam questões sobre a existência da identidade coletiva, ligada à tradição, à memória social junto à construção do discurso histórico e a processos de transformações disruptivas. Pollak, ao articular identidade à memória, afirma que a construção histórica não deve ser elaborada somente por instituições hegemônicas de cunho nacionalista. Existem outras vozes emergentes entre os países que, representando minorias, também precisam ser ouvidas, tais como a...

memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais (POLLAK, (1989, p. 1).

Essa questão nos permite pensar a escola como um espaço de construção de memórias onde pequenos grupos identitários pertencentes a uma instituição podem se perceber profissionalmente. Os profissionais dos arquivos, por exemplo.

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1988 p. 119) questiona “até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica numa *adesão* que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais". Identidades essas que o autor diferencia entre as socialmente já estabelecidas, seja por relação étnica ou familiar, daquelas socialmente construídas e que na forma de multiplicidade de referências pode criar uma fragmentação, indício da modernidade. Para Velho essa fragmentação não é estática. O autor afirma que:

Se, por um lado, as ideologias individualistas marcam o advento do indivíduo-sujeito, por outro lado expressam a fragmentação de domínios que sucede a uma ordem tradicional hipoteticamente mais integrada [...] De qualquer forma, à medida que o indivíduo se destaca e é cada vez mais sujeito, muda o caráter de sua relação com as instituições preexistentes, que não desaparecem necessariamente mas mudam de caráter, embora de forma conflituosa (Velho, 1988, p. 119-120).

Mais uma vez a noção de fragmentação nos faz pensar que não somente o sujeito é fragmentado ou está em constante mudança, mas também instituições como a escola e diferentes grupos de profissionais inseridos nela.

Já o fato de Pollak (1989) discutir a construção da história por meio de grupos minoritários socioculturalmente ajustados permite que coletivos de profissionais, por exemplo, sejam capazes de constituir sua própria perspectiva de historicidade e, assim, fazer história. Nesse sentido, é possível falar da história do profissional dos arquivos a fim de pensá-lo e repensá-lo como sujeito da história e não um simples mantenedor acrítico do passado que concebe a memória como algo estanque e estagnado. Pois, se a memória é fleumática, por mais que os registros históricos não os sejam, conforme sugere Nora (1993), o profissional do arquivo, na qualidade de inte-

lectual, é capaz de reavaliar a episteme que norteia a construção do documento histórico de tempo em tempo, entendendo que reinterpretações do passado em sintonia com postulados teóricos atualizados é o que renova a produção do discurso histórico e documental. Assim sendo, o profissional do arquivo tanto lida com documentos institucionais historicamente situados quanto pode participar de novas construções da memória institucional, incluindo um redimensionamento da identidade profissional à qual está atrelado.

Discutindo a produção de memória e questões de identidade na escola, Ciavatta (2005, p. 10), ao se reportar a Nora, Pollak e Velho, queixa-se do fato de os estudiosos não citarem a escola como espaço de produção de memória, ao perguntar: “qual a memória que se tem da escola?”. Em seguida, Ciavatta articula a memória que se produz no espaço escolar à noção de identidade local numa perspectiva dinâmica, ao dizer que “a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem” (Ciavatta, 2005, p. 13). Dentre os servidores, encontram-se os profissionais do arquivo. E é dentro da proposta da Ciavatta que articulamos os conceitos de produção de memória e identidade associados à comunidade escolar. De fato, esta perspectiva embasa e baliza este projeto cuja intenção foi justamente recapitular os papéis de profissionais de arquivo e debater seus significados, por meio de um viés dignificante e que valorize o aspecto intelectual dos profissionais em questão.

2.3 O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Percepções limitantes sobre uma carreira podem promover estereótipos, bem como restringir o protagonismo de profissionais de arquivos em espaços educacionais, dentre outros. Por isso, foi importante buscar uma reflexão entre os participantes da pesquisa sobre a formação desse lugar-comum que relega os profissionais de arquivo a uma condição de alguém que exerce funções maquínicas. Uma leitura romanizada de profissões ligadas à organização do conhecimento, como arquivistas, bibliotecários e museólogos, pode estimular, no imaginário, a ideia de um trabalho semi-artesanal, com pessoas debruçadas em grandes volumes de informações, movendo-se dificultosamente sobre uma espécie de massa amorfa a ser trabalhada. Ou seja,

um cenário pré-existente à revolução industrial e à economia de produção em larga escala, quando os artesãos e artífices eram responsáveis pela escolha do material, mentalização do produto e pela transmissão do conhecimento a seus aprendizes no tocante à criação e manutenção documentais. Este cenário pode ser imaginado a partir de descrições como as encontradas na obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco (2009).

Infelizmente, essa concepção ainda se replica nos dias de hoje. Em se tratando dos trabalhadores de arquivo atuantes no CEFET/RJ, é importante apurar não somente o nível de limitação ou amplitude das incumbências outorgadas aos mesmos, mas também observar como esses servidores se percebem no sistema-engrenagem em que se inserem, além de atestar que grau aferem ao nível de contribuição intelectual por eles desempenhado no campus de atuação. Dada a realidade brasileira e o panorama em que se encontram estes profissionais, partimos do pressuposto de que atribuições concedidas aos profissionais de arquivo, enquanto agentes da memória institucional, podem ser mais produtivas, principalmente, se atreladas ao universo epistemológico da EPT. Por isso mesmo pretendemos usar a Educação Profissional e Tecnológica como plano de fundo ao propor uma formação em trabalho com vistas para o crescimento mental, cultural, político, científico-tecnológico do sujeito, de modo a aumentar os escopos de atuação de tais profissionais (Ciavatta, 2005).

De acordo com a análise crítica às transformações das relações de trabalho por Antunes (2006, 2009), podemos inferir que, mesmo no serviço público, especificamente em uma instituição de ensino como o CEFET, a fragmentação do trabalho parece seguir modelos de automatismo, mantendo servidores em funções cada vez mais específicas e segmentadas, ainda que, às vezes, apresentem algumas nuances de trabalho intelectual. Ao substituímos a esteira de uma fábrica pelos carimbos em repartições públicas, a ideia ganha mais clareza, se considerarmos que um determinado processo sai do protocolo e percorre departamentos e seções diversas até chegar ao despacho final. Nesse transcurso, servidores analisam suas partes, às vezes, somente em busca de um deferimento ou indeferimento de um servidor antecessor. Para os alunos, a instituição oferece educação omnilateral como uma formação politécnica que não forneça somente educação profissionalizante, mas que também ofereça formação para o trabalho de forma interdisciplinar, com saberes integralizados, valorizando o trabalhador como sujeito e cidadão sociocrítico e, conseqüentemente, intelectualizado (Frigotto, 2018, p. 57).

Contraditoriamente, o local que oferece uma formação na perspectiva omnilateral de educação para o trabalho nem sempre estimula os servidores que operam em prol da educação fora da sala de aula. Essa fragmentação pode ocorrer mesmo dentro de um setor ou área de atuação profissional, a exemplo de uma biblioteca, onde um profissional fica designado à catalogação do acervo e outro, ao atendimento, sem a troca de informações ou aperfeiçoamentos, contribuindo para uma visão limitada da própria biblioteca e para uma visão de sujeito estagnado. Um fato que contraria os postulados da EPT, enquanto uma proposta de ensino que pretende atingir não somente os discentes, mas também promover qualificação para o servidor com vistas a atividades sociocríticas quanto ao labor e à educação. Por outro lado, já que a EPT promove formação em trabalho com a intenção de mediar essas questões e criar melhorias em espaços educacionais, esta pesquisa e seu produto foram desenvolvidos para propor reflexões aos trabalhadores do ramo e, assim, gerar contribuições que tragam autoestima ao profissional de arquivo e melhor diálogo entre os setores que compõem o espaço educacional em questão. Contribuições estas a serem destrinchadas no item 2.5.

2.4 IDENTIDADE PROFISSIONAL E MEMÓRIA SOCIAL – ARTIFICILIADES DO FAZER CRÍTICO

Ao discutirmos a questão da identidade das categorias profissionais em destaque e sua relação com o passado histórico, diríamos que preservar a memória institucional significa, antes de tudo, abordar o senso comum sob uma ótica crítica, evitando uma equivocada definição de memória enquanto acúmulo de informações e fatos históricos. Como já sugerimos anteriormente, memória e história não são sinônimos. Porém, de igual maneira, é da preservação documental que aflora a historiografia (Le Goff, 1990). A memória pode ser individual ou uma colcha de retalhos a partir de uma coletividade que se empreende na reconstituição de um fato pretérito, como explica Pollak (1989, p.8), segundo o qual: “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Como o sujeito contemporâneo não deve ter a pretensão de deter todo o conhecimento possível, o resgate, manutenção ou transformação da identidade por meio da memória coletiva é imprescindível. Pollak, ao afirmar que “todas as histórias de vida [...] devem ser consideradas como instru-

mentos de reconstrução da identidade” (1989, p. 11), faz-nos compreender que a relação entre tradição e identidade aponta não somente para as memórias de um grupo, assim como para possíveis rupturas e metamorfoses do mesmo. Nesse sentido, Pollak amarra muito bem o conceito de identidade móvel com a tradição da coletividade revitalizada pela memória plural, ao entrelaçar as peculiaridades de um determinado grupo às recordações do passado ou avanços/retrocessos futuros. Analogamente, para Nora, a memória pode ser entendida como:

a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações [...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (Nora, 1993, p. 9).

Este conceito de Nora é importante para enfatizar que a memória, no âmbito institucional, por exemplo, pode estar vinculada a informações contidas em arquivos, livros ou em outros artefatos museológicos, porém, irrestrita às mesmas. Isso porque, segundo Nora (1993), quando a memória passa a ser um documento, ela perde a mobilidade, no sentido de estar presa às palavras contidas em um determinado corpus linguístico. Nesse contexto, o arquivo não assume o papel de guardião da memória e sim, a incumbência de se tornar um arquivo histórico. Porém, o registro não paralisa a memória como um todo. O que não é captado pelas palavras documentadas em um determinado discurso permanece livre. Isso porque a mobilidade da identidade coletiva, ao renovar a memória institucional, promove um arejamento de ideias que, por sua vez, afeta a concepção historiográfica, permitindo que novos olhares sobre o passado surjam na história. Assim, a relação entre identidade e memória promove inovação e revisões sobre o fazer histórico, permitindo que a realidade escolar se transforme de forma contínua, mutável e fluida. Conforme esclarece Ciavatta (2005, p. 11): o “rio do tempo que é a memória e o lugar que ocupa na escola, permit[em] aflorar lembranças e formas de ser que constituem sua identidade” por meio de construções dinâmicas sobre informações mutáveis e reinterpretáveis. Tendo isso em mente, é possível pensar que os profissionais do arquivo, além de classificar, avaliar, descrever e preservar documentos, também possam estimular relações entre o sujeito e as memórias institucionais vivas, abrindo espaço, inclusive, para atividades envolvendo a história oral sobre uma determinada comunidade junto a servidores e o corpo discente de uma escola.

Esse arejamento de ideias também contribui para a adoção de um olhar introspectivo do profissional de arquivo que avalie: 1) se a memória de tais profissões incluídas no espaço escolar foi primeiramente registrada no passado; 2) se ela vem (ou não) se modificando epistemologicamente com o passar do tempo; 3) em que medida uma visão passadista e engessada dessas profissões impede que novas concepções e papéis dos profissionais em voga transcendam atividades maquinais e contribuam para que estes exerçam papéis intelectuais, tendo em vista que suas identidades profissionais integram a identidade escolar como um todo e participam de processos educacionais.

Enfim, a pesquisa voltou-se para estas questões a fim de pensar como o servidor pode vivenciar a intelectualidade no exercício de suas funções cotidianas, vislumbrando sua participação na perpetuação e construção da memória institucional e seu sentimento de pertencimento identitário presente na identidade dos profissionais do arquivo, contida na identidade da comunidade escolar.

2.5 A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO E OS PROFISSIONAIS DE ARQUIVO

Outro ponto importante é a fragmentação do trabalho de tais profissionais, já que suas atuações dependem de uma dinâmica sistêmica e orgânica, embora cada vez mais segmentada. O seccionamento do trabalho individual e mecânico deveria ser repensado, em prol de uma atividade conjunta, dentro de uma cosmovisão baseada na participação cooperativa e ampliada de um mesmo coletivo identitário. Um exemplo é a CPAD – Comissão Permanente de Avaliação de Documentos – prevista no Decreto Federal nº 10.148, e que conta com a participação de “I - servidor arquivista ou servidor responsável pelos serviços arquivísticos, que a presidirá” e de “II - servidores das unidades organizacionais às quais se referem os conjuntos de documentos a serem avaliados e destinados para guarda permanente ou eliminação” o que garante no mínimo um caráter coletivo e interdisciplinar de que a atividade carece. Entre as finalidades da comissão, destacam-se:

- III - orientar as unidades administrativas do seu órgão ou entidade, analisar, avaliar e selecionar o conjunto de documentos produzidos e acumulados pela administração pública federal, tendo em vista a identificação dos documentos para guarda permanente e a eliminação dos documentos destituídos de valor;
- IV - analisar os conjuntos de documentos para a definição de sua destinação final, após a desclassificação quanto ao grau de sigilo.

Ao abordarmos a rotina profissional do servidor de arquivo e seu perfil de atuação, acreditamos que nos aproximamos teoricamente das bases da EPT na relação do homem com o trabalho. Na compreensão de Frigotto (2009), Marx define o trabalho criticamente como uma atividade exclusivamente humana, “um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (Marx *apud* Frigotto, 2009, p. 174).

Nesse contexto, entendemos que o trabalho, mesmo imbuído de um fazer manual, é cercado pela consciência, seja de ação, de pertencimento ou de classe. Um mestre-de-obras que atua na construção de casas populares e sabe a importância de tais residências para a população desabrigada ou um bibliotecário que atua na elaboração de instrumentos de pesquisa a fim de melhorar a acessibilidade da informação, são exemplos dessa consciência de ação. No que tange à ideia de pertencimento e capacidade de intervenção, está a consciência desses trabalhadores, em relação aos papéis exercidos na construção de uma sociedade plural e mais justa. Já a consciência de classe diz respeito à percepção do profissional em sua atuação como agentes sociais de transformação na relação entre produção de riquezas, a utilização e distribuição do capital. Essas percepções de classe podem ligar, intimamente, as noções de identidade, labor e empoderamento à medida que os trabalhadores, imbuídos de consciência, identificam-se verdadeiramente com seus fazeres e se permitem ser agentes de transformação social.

Ao discutirmos o trabalho alinhado à memória e identidade profissionais, buscamos perceber seus marcos históricos e epistemológicos, seus sentidos e manifestações pontuados no tempo e no espaço. Acerca de como o homem se enxerga como ser social, e suas relações com o trabalho e a luta de classes. Antunes (2009, p. 87) discorre o seguinte pensamento:

Nossa tese central, que aqui procuraremos desenvolver, é a de que, no capitalismo contemporâneo, dotado de uma lógica destrutiva ampliada, o centro da transformação social ainda está radicado no conjunto da classe trabalhadora [...]. É curioso que, enquanto se amplia enormemente o conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, em escala planetária, tantos autores deem adeus ao proletariado e defendam a ideia do descentramento da categoria trabalho e do fim das possibilidades de emancipação humana estruturada a partir do trabalho.

Esta reflexão nos permite compreender que o capitalismo não vislumbra o trabalho como agente de transformação social. Antes, mantém, à margem, certas categorias profissionais em nome de um *modus operandi* mecanicista. Percebemos que,

costumeiramente, esta prática vem afetando profissionais dos arquivos. Portanto, discutir uma episteme que eleve estas categorias a um nível dignificante e sociocrítico significa fazer valer os pressupostos teóricos da EPT, romper com um paradigma de automatismo e resgatar a figura do arquivista ou bibliotecário como sujeitos próximos ao saber. Este exercício não pretende se fixar num passadismo ou saudosismo, mas trazer de volta o que pode ser positivo nos dias de hoje, considerando que a intelectualidade é uma característica das profissões do arquivo. A memória da profissão, oriunda da Idade Média, precisa ser resgatada, reconstituída e recontextualizada; não porque devamos voltar a uma visão de mundo medieval, mas porque, se considerarmos os postulados da EPT que norteiam o presente trabalho, precisamos ressaltar aspectos epistemológicos dos profissionais de arquivo nos dias de hoje e articular os mesmos a pensamentos contemporâneos que os ressignifiquem academicamente. Pensar a questão da identidade dessas profissões considerando o conceito de “identidade cultural” de Hall, por exemplo, ilustra a tentativa de repensar essas profissões hoje e num futuro próximo. Propor este resgate e recontextualização de um perfil intelectual para os trabalhadores em voga se faz necessário porque, embora a formação acadêmica diga que o pensador da Arquivologia deva ser culto e letrado, na prática, ele vive preso a atividades quase robóticas, confinado numa realidade que se opõe à EPT.

Portanto, pensar na memória do ofício como resgate da inteligência do arquivista também possui um caráter inovador à medida que as condições de exercício da intelectualidade desse profissional nos dias de hoje integram-se às tecnologias da globalização, elevando-o ao status de sujeito dialógico e conciliando a condição ancestral de um profissional intelectual com a realidade tecnológica educacional presente na modernidade tardia. Atualmente este grupo de profissionais não mais despontam como escribas, nem transcrevem livros, mas podem, por meio destes, redimensionar a identidade profissional, sobretudo em uma instituição que tem como princípio educacional a integralidade e a omnilateralidade (Ciavatta, 2005). Outro aspecto a ser ressaltado nesse processo é que o mecanicismo relegou esses profissionais à invisibilidade e silenciamento, comprometendo a memória institucional, já que os supostos guardiães da memória se mantêm sem protagonismo. Nesse sentido, possibilitar o empoderamento desses sujeitos pela conscientização do trabalho, como profissional da informação, e seus impactos no campo da memória, por meio de reflexões identitárias dialogáveis com a EPT, é o objetivo desse trabalho

e, para tanto, seus pressupostos teóricos se mostram imprescindíveis. De acordo com a EPT, a própria “relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade” (Saviani, 2007, p. 154), corroborando o que diz Ciavatta (2005). Também conforme explicam Fartes e Santos (2011, p. 381), os saberes profissionais estão ligados à “relação entre o papel institucional ocupado pelos grupos sociais e os processos coletivos de construção identitária na sociedade [...] [e à] mobilização dos diferentes tipos de conhecimento em situação de trabalho”, um fenômeno que indica como “as pessoas vivenciam as organizações e as instituições nas sociedades contemporâneas”. Eis por que pensar a identidade intelectual de manutentores do arquivo figura como um tema pertinente ao programa em voga.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa foi traçado um percurso metodológico que atendesse peculiaridades da coleta e análise dos dados, considerando o propósito da pesquisa, os objetivos a serem alcançados e a intervenção com/nos objetos e sujeitos do estudo. Dessa maneira, adotou-se uma pesquisa-ação, de base exploratória e qualitativa, na perspectiva de Thiollent (2011).

O entendimento de que o projeto possui um viés exploratório é indicado pelo modo de que os dados foram coletados. Transcendeu a necessidade de uma tabulação estatística, voltando-se para a interpretação dos elementos através da observação fenomenológica que evidenciaram as respostas. Para Gil (2008), a finalidade desse tipo de investigação é: “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (p. 27).

A abordagem qualitativa voltou-se para a subjetividade das sensações, percepções, valores, simbologias, ideologias etc. presentes na consciência humana. Seguimos este viés entendendo que “o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo” (Minayo, 2010, p.15).

O trabalho consistiu em uma pesquisa-ação, na perspectiva de Thiollent (2011), buscando a participação dos sujeitos da pesquisa como colaboradores atuantes na reflexão do tema e apontamentos de uma proposta de intervenção. Neste caso, por meio de um produto educacional, a saber, um curso de capacitação, aplicado por um material eletrônico contendo trechos de filmes que retratam a condição de trabalho mecanicista e perguntas para cada trecho como atividade prévia à roda de conversa, que fomentaram as potencialidades intelectivas de quem lida com os arquivos e fizeram ressignificar seu escopo de atuação e interatividade no processo educacional.

Devido às especificidades da pesquisa, os dados qualitativos foram analisados a partir da Análise do Discurso Dialógico (ADD) na perspectiva de Sobral e Giacomelli (2016). Para os autores, o discurso não se resume à frase ou enunciado, há de ser considerado um contexto que o referencia. Uma opinião proferida por um entrevistado não pode ser vista de maneira isolada e imparcial, é importante analisar seus aspectos e propósitos e até intenções. Segundo Sobral e Giacomelli:

Nenhum dizer é inocente, ingênuo, gratuito, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz (mesmo que a pessoa nem saiba que interesses são esses). Logo, nenhum enunciado é neutro no sentido de que todo enunciado

é interessado, ou seja, é algo com que o locutor deseja realizar seu projeto de dizer, aquilo que ele quer que o outro aceite como bom, verdadeiro, correto etc. a fim de fazer valer seus interesses. Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade” (Sobral, Giacomelli, 2016, p. 1083).

Assim sendo, tanto a captação de impressões sobre a identidade profissional desenvolvida pelos servidores do CEFET/RJ, quanto o produto educacional aplicado, como intervenção nessa identidade estão atrelados a uma escolha das ferramentas para o desenvolvimento do produto educacional e a verificação dos impactos causados. Estes recursos metodológicos são a pesquisa-ação de base exploratória e abordagem qualitativa em associação à ADD.

3.1 FASES DA PESQUISA

A construção deste projeto foi embasada em momentos que envolveram a verificação de conceitos, o trabalho de campo e a apresentação de propostas de intervenção. Esta demarcação foi dividida em três fases principais: a pesquisa bibliográfica, a coleta e análise de dados e o desenvolvimento, aplicação e verificação do produto educacional.

Antes inclusive da busca por dados de fontes primárias, a pesquisa bibliográfica serviu como norte teórico do projeto em todas as fases. Seja no exame das bases conceituais ou do próprio fazer científico. Isso porque o levantamento bibliográfico foi primordial para a formulação, o desenvolvimento teórico e a execução da pesquisa. Foi necessária a análise de autores que problematizam a educação profissional e tecnológica e as relações de trabalho, assim como o autorreconhecimento profissional, memória social e a identidade cultural coletiva na perspectiva de Hall.

Tanto para a coleta de dados quanto para a aplicação do produto educacional, optou-se pela utilização de recursos que facilitassem o entendimento e ambientassem os participantes no universo da pesquisa. Dessa forma adotou-se a linguagem cinematográfica, como forma de conseguir desenvolver percepções e ativar sensações, de maneira que os servidores se identificassem com o tema e as abordagens propostas. Também o uso de histórias e reportagens televisivas, aguçando o máximo de sentidos possíveis do interlocutor.

Para a coleta dos dados foram escolhidos como recursos o documentário

Atravessa a Vida, a série televisiva Os Aspones e os filmes Anti-herói Americano e Beijo 2348/72. Atravessa a Vida é um documentário brasileiro de 2020, que apresenta a história de estudantes do último ano do ensino médio, seus medos e inquietações sobre o futuro e a angústia com a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a possibilidade de ingresso no ensino superior. Mostra os jovens do interior de Sergipe, como amostra do que os jovens de todo o país enfrentam a cada ano. Para a pesquisa foi importante retratar esse ambiente do documentário a fim de lembrar os participantes sobre o momento em que se viram diante das escolhas para o futuro, seja na carreira profissional ou na maneira de entender a vida. A partir do trailer de Atravessa a Vida, foram questionados, à lembrança do passado escolar dos participantes, temas como as escolhas, influências, medos e aptidões.

Sobre as frustrações da carreira profissional, os entrevistados foram orientados a responder algumas questões após visualizar um trecho do filme Anti-herói americano. Anti-herói americano é uma película estadunidense, de 2003, que mistura ficção e biografia e conta a história do quadrista Harvey Pekar. Arquivista de um hospital, Harvey vive a total insatisfação com a profissão, demonstrando, em vários momentos do filme, ser essa uma atividade desinteressante. Após uma cena específica em que essa insatisfação fica clara, os entrevistados responderam questões sobre o percurso acadêmico e as frustrações na carreira.

Sobre os estereótipos que retratam a atividade intelectual do profissional de arquivo e seu ambiente de trabalho estão a série e o filme brasileiros, respectivamente Os Aspones e o Beijo 2348/72. A história de Os Aspones é ambientada em uma repartição pública de Brasília e apresenta, já nas primeiras cenas, o arquivo morto (expressão tecnicamente incorreta) e o uso de ideias simplistas e caricaturais da atividade de um arquivista. Beijo 2348/72 é um longa-metragem brasileiro de 1990 que narra a história de um processo movido (2348/72) contra um casal de amantes em demissão por justa causa, denunciado por um beijo em local de trabalho. Quase ao final do filme, aparece a imagem do processo e o “Arquive-se” junto a um arquivista aparentemente corcunda, manco, malvestido e solitário entre as estantes do arquivo. Com as obras tentou-se que os entrevistados fossem estimulados a responderem sobre as relações de trabalho (e como ele é visto entre os pares) e como ele se reconhece como trabalhador de arquivo, sob a perspectiva da construção de uma identidade profissional.

Já para a aplicação do produto educacional a intenção era, ainda sob os

mesmos recursos midiáticos, apresentar o oposto, com conteúdos que ressaltassem a importância da profissão e do profissional. Em Histórias de Arquivo, um vídeo exibido pelo canal do Centro de Memória da Unicamp, no Youtube, uma servidora da instituição narra histórias em que os documentos custodiados no arquivo da instituição auxiliaram na consolidação da cidadania e na construção de algumas histórias com desfechos felizes. Com isso o servidor participante da capacitação é levado ao entendimento que sua atividade cotidiana tem uma função que vai além do que ela aparenta se destinar.

Da mesma maneira as reportagens televisivas sobre o arquivo mundial do Ártico e os dez anos de promulgação da lei 12.527, conhecida como Lei de Acesso à Informação. Nelas, as atividades dos servidores são postas mais uma vez em evidência, demonstrando o impacto que o acesso ao conhecimento e construção da memória podem ter na realidade humana, e como a realização de tarefas da sua rotina laboral podem contribuir para essa nova realidade.

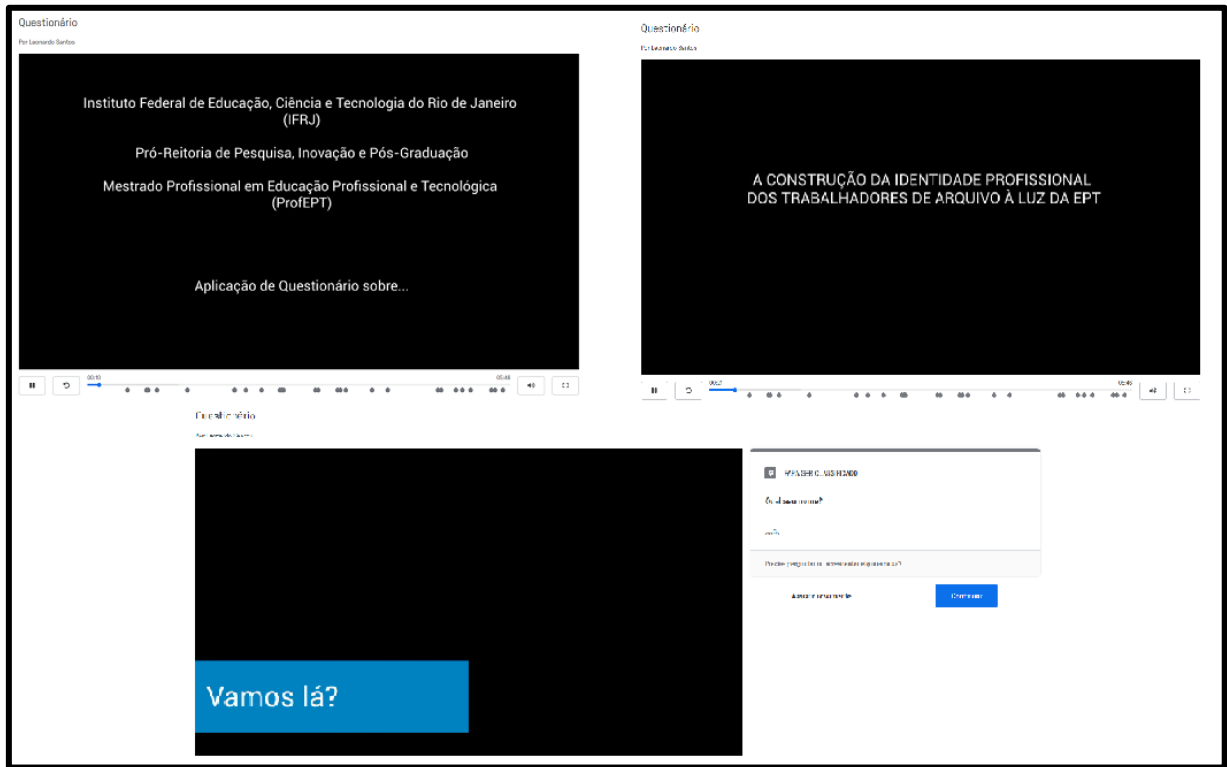
Já especificamente para abordar o tema sobre o a construção da memória foi exibido Narradores de Javé, um filme brasileiro de 2004 que narra a história de uma cidadezinha no interior do Brasil que corre o risco de ser despovoada para dar lugar a uma represa, que a inundará por completo. Tal infortúnio só não ocorrerá se os habitantes conseguirem registros que demonstrem a importância histórica e cultural da cidade para a região. A partir daí ocorrem alguns encontros e desencontros na tentativa de resgatar a memória da cidade e levantar sua importância. Sob o trailer do filme foram trabalhados com os participantes da capacitação temas como organização do conhecimento e preservação da memória.

3.1.1 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi executada em duas fases. Primeiramente com a aplicação de um questionário contendo perguntas a partir de filmes que discutissem o trabalho mecânico dos profissionais. As cenas dos filmes foram exibidas em trechos curtos, com a finalidade despertar os profissionais do arquivo para o tema. Em seguida propor uma análise, a partir de uma questão formulada, à luz das bases conceituais da EPT. As questões relacionavam-se a três eixos básicos: A) identificação com a carreira; B) a identificação com o trabalho e sua relação com o outro; C) autorreconhecimento

profissional. Segue o link de acesso ao questionário: <https://edpuzzle.com/assignments/646bf13987525143162b04bb/watch> cujas perguntas constam textualmente no Apêndice B.

Figura 1 - Telas do questionário



Fonte: Autor da Pesquisa

Posteriormente, desenvolveu-se um curso de capacitação na modalidade virtual. Neste momento da pesquisa, o produto foi propriamente aplicado por meio de um debate sobre os temas como a identidade e a participação do profissional de arquivo para a manutenção da história e construção das memórias institucionais no CEFET/RJ. Foram discutidas a natureza de atividades mecanicistas e intelectivas exercidas pelos servidores, com foco na EPT; o valor do trabalho, a partir de conceitos marxistas e a importância da formação no trabalho como uma ferramenta educacional capaz de oferecer melhorias na organização e funcionamento dos institutos federais.

3.2 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida de forma virtual e direcionada a servidores dos arquivos setoriais do Centro Federal de Ensino Tecnológico Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, integrante da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – RFEPCT. A instituição possui oito *campi* (também conhecidos como *UNEDs*), organizados entre a capital (Maracanã e Maria da Graça), região metropolitana (Nova Iguaçu, Itaguaí e Petrópolis) e interior (Nova Friburgo, Valença e Angra dos Reis). Oferece cursos que vão do nível médio integrado ao técnico ao doutorado em áreas como: Administração, Informática, Engenharia, Turismo, Meteorologia etc. Instituição centenária, sua criação foi voltada para a formação de “professores, mestres e contramestres para o ensino profissional”⁴. Com atualizações no seu perfil institucional desde então, hoje o CEFET/RJ é uma referência no ensino politécnico.

Os sujeitos da pesquisa foram servidores concursados da instituição, cinco participantes, com origem nos *campi* Angra dos Reis, Itaguaí, Nova Iguaçu, Nova Friburgo e Maria da Graça. Vale ressaltar que nesse período, dois participantes foram cedidos a outros órgãos / entidades do poder executivo federal, e um participante foi acompanhar o cônjuge transferido, indo atuar e outra instituição, mas todos sem a perda de vínculo com o CEFET/RJ, sendo considerados aptos, dentro dos critérios estabelecidos, a participarem da pesquisa. Visto que o Arquivo Central da instituição funciona no *campus* Maracanã, optou-se por convidar servidores das unidades descentralizadas, como forma de captar informações de forma democrática e descentralizada.

Por ser um estudo de participação voluntária, todos foram orientados quanto à possibilidade de desistência em qualquer fase (coleta de dados ou capacitação), assim como da confidencialidade das informações pessoais obtidas, reforçando, inclusive o acompanhamento do conselho de ética em pesquisa. Ao tomar conhecimento de o que se propõe o projeto, seu tema, objetivos e o produto educacional a ser oferecido, os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (normatizado pela Resolução CNS nº 510/160) contendo os esclarecimentos supracitados.

⁴ <http://www.cefet-rj.br/index.php/2015-06-02-16-38-34>

3.3 PRODUTO EDUCACIONAL

Como proposta para um produto educacional, idealizamos o desenvolvimento de um curso de capacitação, na modalidade virtual. Ele teve, como público-alvo, os servidores da área arquivística do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ. A elaboração desse curso foi o resultado da reflexão das informações colhidas do questionário respondido pelos próprios servidores, na intenção de provocar autorreflexão e preparar os participantes para a discussão de conceitos da formação omnilateral no ambiente de trabalho em um diálogo posterior. Somente depois da pré-tarefa, o produto educacional foi consolidado como atividade de formação no trabalho, quando o pesquisador conversou com os participantes sobre as questões apresentadas no questionário sob a ótica da EPT, ressaltando o trabalho como atividade dignificante, a importância de se pensar a intelectualidade, a identidade profissional dos envolvidos e sua participação na manutenção da história, construção e renovação da memória no âmbito institucional, voltado para a politecnicidade e a educação omnilateral.

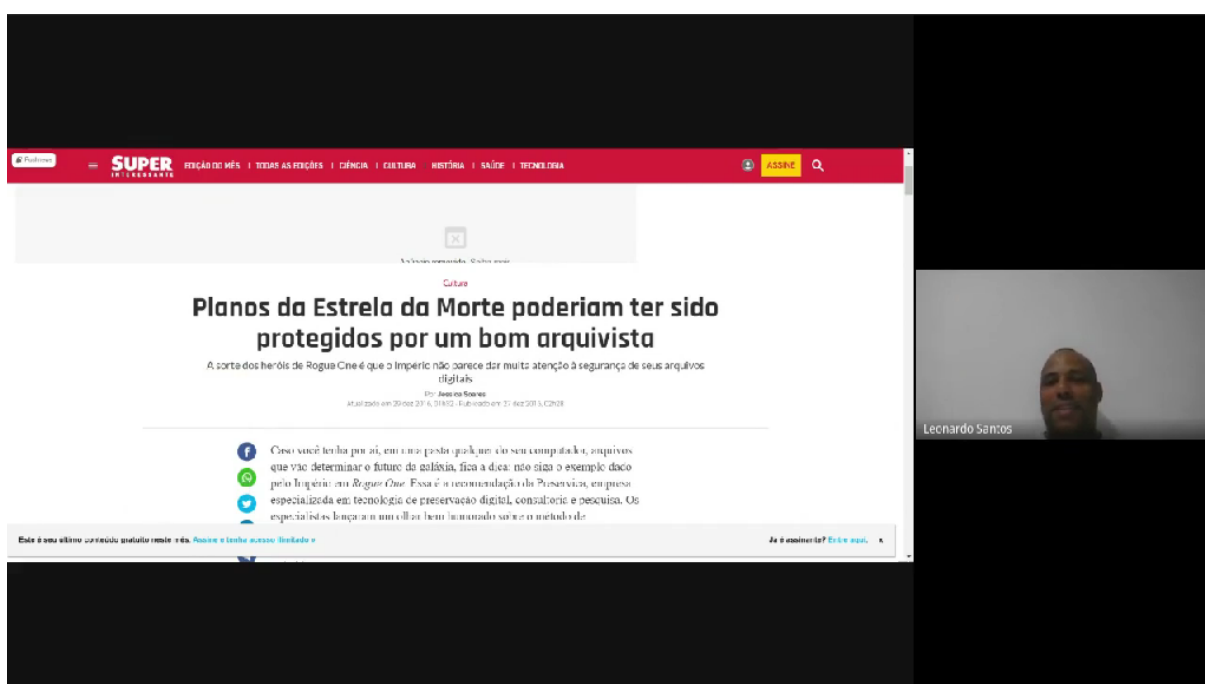
Ao intervir na formação profissional, a capacitação não se restringiu ao desempenho funcional, como tentativa única de incrementar a produtividade do servidor. A proposta foi orientar, conduzir, fomentar e captar os impactos do processo de educação para o trabalho, sobre preceitos da formação omnilateral considerando a experiência dos servidores e sua consciência sobre o tema proposto e o desejo de se explorar possibilidades enriquecedoras no espaço laboral. Afinal,

A ação do sujeito [...] constitui, correlativamente, o objeto e o próprio sujeito. Sujeito e objeto não existem antes da ação do sujeito. A consciência não existe antes da ação ao sujeito. Porque a consciência é, segundo Piaget, construída pelo próprio sujeito na medida em que ele se apropria dos mecanismos íntimos de suas ações, ou, melhor dito, da coordenação de suas ações (Becker, 1994, p. 93).

Assim sendo, a aplicação do produto educacional procurou promover capacitação, reflexão e ampliar a visão e escopo profissionais dentro de o que já foi descrito até aqui. O curso de capacitação foi aplicado no formato de uma roda de conversa virtual através do *Google Meet.*, com uma abordagem pedagógica relacional. Foi desenvolvida, no curso, a ideia de identidade profissional do servidor do arquivo, sua atuação e os impactos na formação da memória institucional. Para isso, recorreremos ao uso de estímulos à percepção e ao reconhecimento de um processo

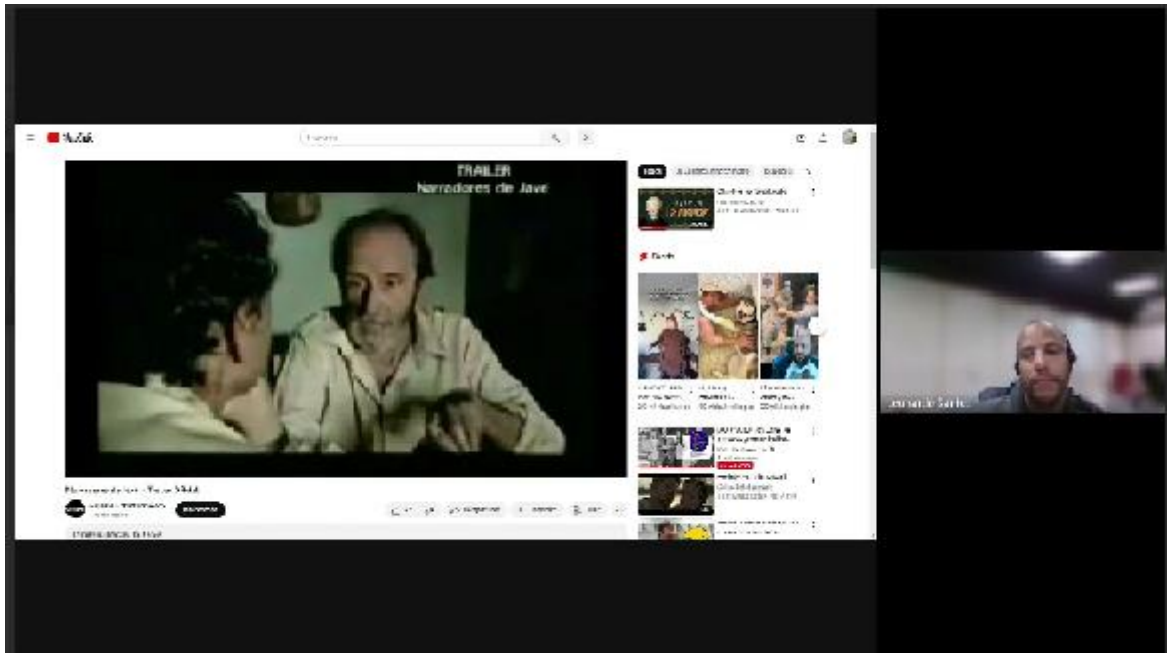
que se volta para a formação do conhecimento, ampliado por saberes científicos, relatos de experiência e percepções do objeto de estudo a partir do lugar de fala dos participantes. Segue uma imagem captada durante a aplicação do produto educacional, na qual a dinâmica de apresentação de trechos de alguns filmes, assim como no questionário pré-tarefa, fora retomada para que a temática fosse ampliada, problematizada e aprofundada. Ao término de tal atividade, os participantes receberam um formulário do Google contendo mais perguntas. Tal questionário se encontra no Apêndice C.

Figura 2 - Apresentação e debate de uma matéria, durante o curso de capacitação



Fonte: Autor da pesquisa

Figura 3 – Apresentação do trailer do filme *Narradores de Javé*, durante o curso de capacitação



Fonte: Autor da pesquisa

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS

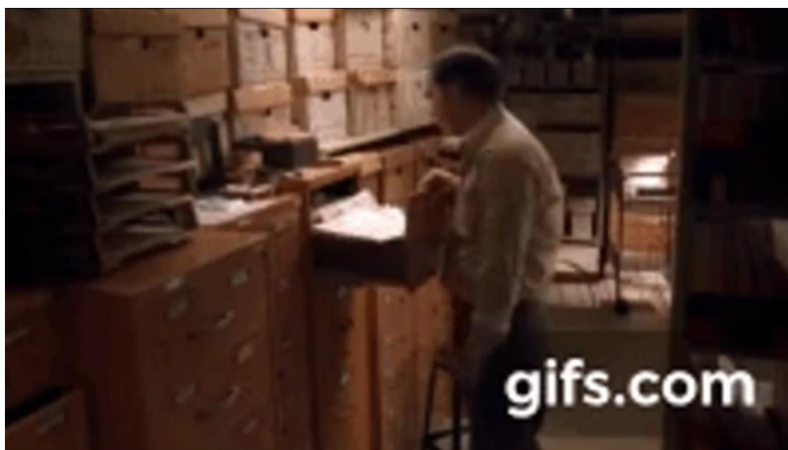
O questionário, como já mencionado, foi produzido por meio da ferramenta *EdPuzzle* e funcionou como atividade prévia à aplicação do produto educacional. Através de tal questionário, foram introduzidos assuntos que despertassem os participantes para a temática principal. Nele, compilaram-se pequenos trechos dos filmes e séries intencionalmente interrompidos com comentários ou perguntas de forma didática, conforme descrito no item 3.1. Na ferramenta, o vídeo só é reproduzido caso a janela do navegador esteja ativa. Isso evita que o participante faça outras ações no computador e obriga-o, para responder todas as questões, reproduzir o vídeo em sua totalidade.

O vídeo inicia com informações sobre o questionário e os objetivos da pesquisa, complementados por um texto, reproduzido também em áudio. Por questões ligadas à anonimidade e preservação da identidade, os participantes serão identificados como (entrevistados) E1, E2, E3, E4 e E5.

Figura 4 - Cena do filme Anti-herói americano, com uma questão relacionada

Questionário

Por Leonardo Santos



PERGUNTA ABERTA

Entre as aflições e realizações na carreira, como você se sente sobre suas escolhas profissionais?

Digite sua resposta...

Responda com áudio

Assistir novamente

Enviar

Fonte: Autor da pesquisa

4.2 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Como dito no item 3.1, o Eixo A visou conhecer os motivos para a escolha dos cursos ligados à Ciência da Informação, como a Arquivologia e a Biblioteconomia. Nesta fase, a pesquisa pretendeu entender como o servidor descobriu esta área do conhecimento e como a graduação fez parte da sua história de vida e suas escolhas. Tentou, assim, apurar algum nível de identificação pessoal com a ocupação laborativa ou outros motivos que influenciaram suas decisões. Por exemplo, se a pessoa teve consciência das potencialidades oferecidas para as carreiras que exercem.

O Eixo B baseou-se na relação entre os servidores e suas atividades funcionais, em indagações sobre o conhecimento acadêmico empregado no ambiente de trabalho, se a formação técnico-científica é aplicada, ou ao menos compreendida, no cotidiano, como suas incumbências influenciam em outros setores, outros profissionais e qual a visão da sociedade sobre a profissão. Nesta parte do questionário, a intenção foi confirmar, ou refutar, com base nas impressões dos entrevistados, se os trabalhadores de arquivo se enxergam como profissionais isolados, fragmentados, se eles se encontram numa situação semelhante ao modelo fordista ou se desempenham em um papel institucional mais amplo. Este eixo também pretendeu verificar o nível de satisfação atual e suas expectativas futuras; se o entrevistado almeja ter crescimento na carreira ou se aspira a novos conhecimentos em outra área profissional. No caso da última hipótese, se a busca por novos horizontes justifica-se por uma realização pessoal ou decepções com a função vigente.

O Eixo C voltou-se para a questão da autoestima dos servidores envolvidos, com vistas a perceber se as gestões administrativas às quais os participantes são subordinados apresentam posturas humanizadas, capazes de reconhecer o empenho dos servidores e se são adotadas medidas estimulantes nos respectivos ambientes de trabalho. De igual modo, este eixo procurou averiguar se o profissional sente-se apto para exercer suas funções, se busca aprimoramento profissional ou se a pessoa sente autogratisficação no exercício diário.

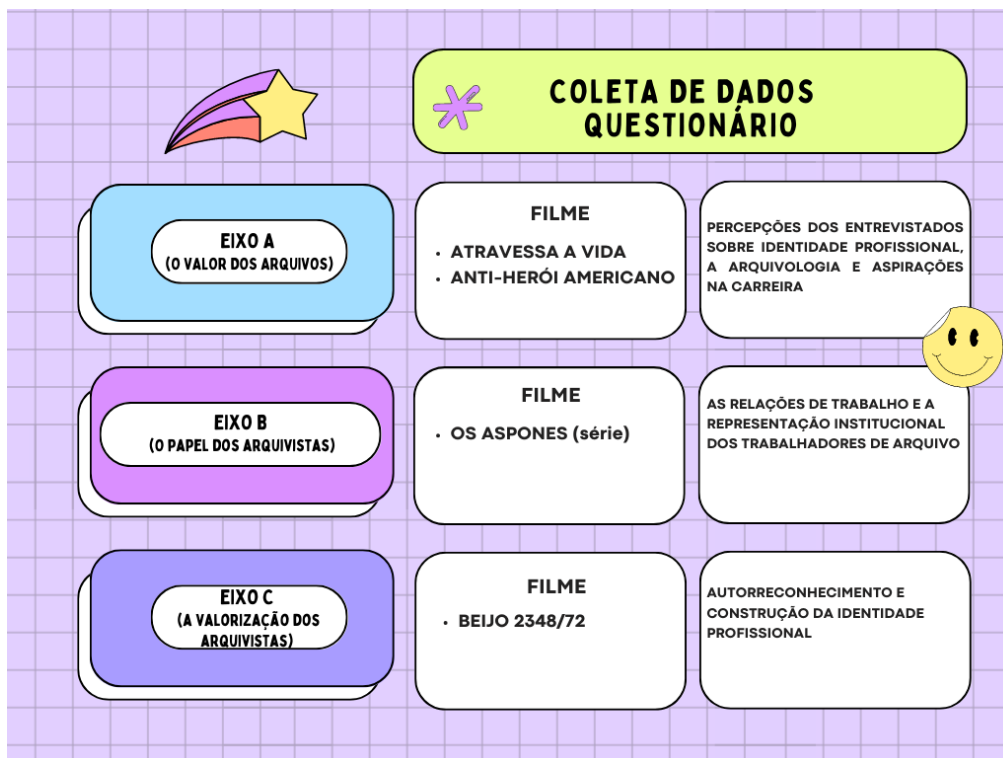
Esta tarefa prévia à aplicação do produto educacional envolvendo os participantes possibilitou não somente promover interação, mas fez com que os profissionais do arquivo se dispusessem a participar da pesquisa.

Após a coleta de dados pelo questionário virtual, as questões levantadas através dele foram retomadas na aplicação do produto educacional, direcionada aos

mesmos servidores que responderam ao questionário. Tratou-se de um curso de capacitação, no formato de uma roda de conversa, que buscou, através do uso de estímulos visuais e sonoros, como a reprodução de vídeos, filmes e reportagens, num modelo similar ao produzido no questionário contendo os mesmos eixos temáticos, propor um debate que pudesse qualificar o trabalho desenvolvido por esses servidores e responder, positivamente, a algumas angústias e inquietações captadas nos dados coletados de modo a aprofundar questões relativas à identidade profissional e à memória nos ofícios por eles exercidos. As perguntas utilizadas após a aplicação do produto educacional constam no Apêndice C. Como o item 5 é exclusivamente dedicado ao detalhamento do produto educacional, passemos a análise de dados colhidos no questionário prévio à aplicação do produto educacional.

4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Figura 5 - Esquematização do questionário



Fonte: Autor da pesquisa

Nesse primeiro eixo do questionário pré-aplicação, foi exibido o *trailer* do documentário “Atravessa a vida”, de 2020. Antes de iniciar a exibição, apareceu a

seguinte descrição: “Esse vídeo resgata o ‘período das escolhas’. Seja vestibular ou SISU, por que escolher uma carreira em detrimento de outra? Por que Arquivologia ou Biblioteconomia? Os medos que o futuro impunha”. No decorrer da apresentação do vídeo, algumas perguntas foram feitas. Eis as respectivas respostas, demonstrados nos quadros abaixo:

Ao despontar para a vida adulta, como foi seu processo de escolha de uma carreira profissional?	
E1	Conturbado, tentando me colocar na universidade, mesmo que por cursos menos concorridos
E2	Havia pensado em várias áreas; Psicologia, Letras, História, Geografia; mas depois de algumas conversas com alguns profissionais e informações obtidas na internet, acabei optando por Arquivologia devido a ser uma área que englobava pesquisa, acervos históricos e a possibilidade de trabalhar na área cultural devido a Ciência da Informação.
E3	Através de Orientação Profissional
E4	Minha primeira graduação foi em História. Minha escolha foi pautada mais pela disciplina que eu gostava, do que pelas possibilidades do mercado de trabalho, pois eu não tinha clareza sobre minha atuação profissional.
E5	Busquei auxílio profissional e fiz um teste vocacional no qual apontou biblioteconomia ou direito. A escolha por Arquivologia se deu por entender que arquivo era uma área mais ampla e me daria maiores oportunidades de emprego.

Quadro 1 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Quais impactos a pressão familiar ou de amigos pode ter causado em sua escolha?	
E1	Significativo, por ambos. Pela família, a pressão de entrar na universidade pública, pelos amigos a indicação de cursos.
E2	Como eu escolhi a área da Arquivologia depois de algumas frustrações nas primeiras tentativas em outras áreas, juntamente com a dificuldade financeira e de recursos a época, o peso da pressão foi maior sim. Mas ele também veio carregado de apoio e incentivo de alguns, principalmente da minha mãe.
E3	Nenhum. Não tive muito apoio.
E4	A pressão familiar gerou em mim o sentimento de desafio, pois a escolha por graduação em História, não era bem recebida pelo meu pai, minha principal referência familiar nos estudos.
E5	Meus pais não me deixaram cursar História, por acharem que eu não teria emprego. A outra pressão era por passar para o vestibular.

Quadro 2 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

O que te motivou a escolher a área de arquivo?	
E1	Menor concorrência no vestibular, mercado de trabalho atraente.
E2	Como dito anteriormente, por ser uma área que é voltada para pesquisa documental e histórica, além da possibilidade de trazer isso para o campo da cultura, foi o que mais me motivou à época.
E3	Facilidade para ingressar no curso. Identificação com o perfil da área.
E4	Arquivologia foi minha segunda graduação. Esta escolha foi motivada pela clareza de que eu não queria ser professora de História (primeira graduação) e de que o mercado profissional para historiadores na área de pesquisa era muito restrito e, geralmente, mal remunerado. A escolha pela Arquivologia foi pragmática, uma vez que foi motivada pela inserção no mercado de trabalho (concursos públicos) e pela possibilidade de aproveitamento na minha formação em História.
E5	Eu tinha algum conhecimento da área, pois na minha família tem muitos bibliotecários e por serem áreas afins, eles me apoiaram na escolha.

Quadro 3 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

O documentário “Atravessa a vida” procurou captar as angústias e ansiedades dos estudantes do ensino médio às portas da fase adulta ao abordar o processo de seleção para o ensino superior através do Enem. Ao exibi-lo no questionário, a intenção foi possibilitar que os participantes da pesquisa rememorassem o momento da vida em que passaram por essas escolhas. Se também sofreram angústias e ansiedades ou se a conjuntura fora mais favorável, desde a identificação da carreira profissional até disputa pela entrada no ensino superior. As primeiras questões tratam de identificar esse processo.

Com a primeira pergunta foi possível entender que a escolha das carreiras se deu basicamente por dois caminhos: a necessidade ou vontade de ingressar em uma universidade, como relatou o E1; ou por identificação, como relataram os demais, cada um ao seu modo. Relataram Identificação com a Arquivologia e as possibilidades profissionais que esta carreira pode oferecer. Afinidade com as disciplinas cursadas na graduação e estímulo e autorreconhecimento da importância da área ao depararem-se com a ascensão profissional de outros arquivistas. Essas sensações são confirmadas quando perguntado sobre os motivos que levaram à escolha da carreira. Como respostas alegaram o mercado de trabalho, a interdisciplinaridade do arquivista, sob aspectos culturais, disponibilidade de vagas públicas e concorrência reduzida.

Adiante é possível verificar que as escolhas não são isoladas de um contexto socioeconômico. Trata-se de um processo associado a cobranças e/ou expectativas, com a exceção de um entrevistado, que relatou não ter tido nenhum tipo de apoio. Os depoimentos das participantes E4 e E5 demonstram pressão familiar, busca por aceitação e frustração quanto a escolhas anteriores, já que houve resistência dos pais quanto à opção pelo curso de história. Também se percebe a ansiedade, identificada nas falas no tocante a frustradas tentativas de acesso ao ensino superior em outras carreiras. É o caso do participante E2, que anteriormente havia mencionado ter escolhido Arquivologia em detrimento de outras áreas, porém confessa, adiante, haver tentado ingressar em outras áreas. Então a identificação com a carreira não é advinda de uma primeira escolha, mas de uma pressão para cursar uma faculdade.

Quais medos você teve nesse momento da vida?	
E1	Medo de fazer uma escolha sem o critério vocacional.
E2	Acredito que os mais comuns a todos os que iniciam uma jornada na universidade: Adequação ou não a rotina, qual seria a garantia de um futuro profissional, entre outras.
E3	Medo de me arrepender com a escolha. Medo de não ter reconhecimento profissional.
E4	Meu maior medo na época do vestibular era ter feito a escolha errada, pois a escolha por História era baseada na preferência pela disciplina. Na época da seleção de obtenção de novo título, meu maior medo era ficar desempregada ou ser mal remunerada, pois o mercado de trabalho do Arquivista em MG, onde eu morava, era muito incipiente.
E5	De não me adaptar ao curso.

Quadro 4 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Durante sua formação, quais apreensões você sentiu em relação ao futuro?	
E1	A de estar em uma profissão pouco valorizada, que o mercado e a sociedade, apesar de necessitar dos profissionais, não reconhecer a importância.
E2	Medo de não encontrar espaço no mercado de trabalho e dar sequência ao objetivo que era a formação, ainda mais por ser negro e oriundo de periferia.
E3	De que estaria me formando em uma carreira pouco valorizada.
E4	Minhas maiores apreensões estavam relacionadas à inserção no mercado de trabalho.
E5	Se eu ia arrumar um bom emprego e ia ser feliz nele.

Quadro 5 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Ao questionar os medos dos participantes, a intenção foi captar o nível e maturidade de cada um quanto às escolhas e o processo de formação de uma identidade profissional. Já as apreensões durante a formação visaram a observar a consolidação da identidade profissional e o nível de segurança as carreiras voltadas para o arquivo ofereceriam no futuro.

Verifica-se que, de maneira geral, os participantes da pesquisa ainda não tinham confiança plena de suas escolhas. As opções profissionais foram baseadas na facilidade do acesso ao curso apesar de os cursos voltados para o arquivo não se mostrarem promissores e socialmente desvalorizados. De acordo com os relatos, não adiantaria ingressar em um curso de menor concorrência se não houvesse identificação vocacional com o mesmo. Pelas angústias apontadas, pode-se inferir que a pressão externa e dificuldades de subsistência têm influência na seleção de uma carreira profissional. Foram considerados o contexto socioeconômico, a valorização profissional e o espaço no mercado de trabalho. Como pudemos observar, os participantes desta pesquisa compartilharam aflições semelhantes.

Quais conhecimentos prévios você tinha sobre áreas como Arquivologia e Biblioteconomia?	
E1	Praticamente nenhum.
E2	Basicamente os que descobri conversando com algumas pessoas que já trabalhavam na área: Organização do conhecimento e referências históricas, bibliográficas e culturais acerca do desempenho nessas áreas de trabalho.
E3	Sabia que se tratava de áreas com bastante rotina e grandes possibilidades de concursos públicos.
E4	Durante a minha graduação em História, eu estagiei no Arquivo Público Mineiro e trabalhei com acervo fotográfico na Memória do Judiciário no TJMG, portanto, tinha conhecimentos prévios em Arquivologia.
E5	Bastante, pois tenho familiares bibliotecários.

Quadro 6 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

À exceção do participante E1, que ingressou na graduação sem nenhuma referência da área, os demais demonstraram uma mínima relação com a Arquivologia ou Biblioteconomia. Como a identidade é construída através do conhecimento e do reconhecimento, aparentemente a identificação com a função, por menor que tenha

sido nesta etapa, foi importante para o processo de inserimento profissional. Aparentemente, houve um conflito entre o conhecimento prévio da área e possíveis aflições a serem verificadas durante a formação. Mas nos casos relatados, ainda que fosse notória a desvalorização da carreira, tais fatores não impediram que os entrevistados optassem por uma ou outra área de atuação ligada aos arquivos.

Como sua escolaridade influenciou a sua visão de mundo e a relação com outras pessoas?	
E1	De modo significativo, contribuiu bastante para um entendimento melhor e relacionamento, ao que credito aos conceitos gerais da universidade.
E2	Eu sempre estudei em escola pública em periferia de região metropolitana, então a minha visão de mundo sempre foi a de união e amizade, como é em geral a realidade das comunidades e subúrbios no Brasil.
E3	Ampliando conhecimentos.
E4	Minha escolaridade me tornou mais empática e permitiu que eu observasse melhor as desigualdades sociais.
E5	A cada curso que faço compreendo as coisas de outra forma, você se torna uma pessoa mais crítica, no sentido de questionar mais as situações e aprende a ter mais flexibilidade e criatividade para enfrentar os problemas.

Quadro 7 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Nesse ponto, a formação voltada para conhecimentos humanitários pode ser vista na educação para o trabalho num sentido mais restrito do termo. O questionamento sobre a influência da escolaridade procurou perceber se os entrevistados veem (ou não) a educação como ferramenta de transformação social, nos moldes da EPT. De maneira geral, percebe-se uma concordância sobre o impacto do conhecimento para a promoção de mudanças individuais ou coletivas, no fortalecimento de uma visão mais crítica e empática quanto a questões sociais do outro.

Como você entende, na sua carreira profissional, a ideia de uma constante capacitação?	
E1	Fundamental, tanto para a melhoria das atividades como para melhor remuneração.
E2	Dado o dinamismo das tecnologias e das relações de trabalho, a constante capacitação se faz necessária, mas ainda sim, é massiva.
E3	Ideal para qualquer área, porém, tenho outras prioridades no momento que me impedem de me capacitar com frequência.

E4	Acho extremamente importante a capacitação contínua, para estar atualizada com as novidades na área do conhecimento e para lembrar aspectos que explorei pouco durante minha atuação profissional.
E5	Acho importante essa atualização e estar em contato com outros profissionais de outras áreas que te trazem outras formas de enxergar o mundo.

Quadro 8 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Profissionalmente, como você se enxerga daqui a 5 anos?	
E1	Cursando ou com mestrado concluído.
E2	Um pouco mais realizado do que hoje, em busca de realizar o sonho de trabalhar com cultura, em museus, com arte atrelada a minha profissão.
E3	Da mesma maneira.
E4	Vivendo novos desafios, talvez, em outra instituição.
E5	Me vejo ainda no Arquivo Nacional, aprendendo cada vez mais e produzindo melhores trabalhos que possam auxiliar outros Arquivistas de outras instituições.

Quadro 9 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Ao verificar as respostas dadas para os 2 questionamentos, constatamos convergência entre eles ou, de certa maneira, uma possível relação de causa e consequência. O participante E1, por exemplo, instigado a explanar seu entendimento sobre a capacitação constante na sua carreira profissional, relata ser fundamental a capacitação como forma de aperfeiçoar o desenvolvimento de suas atividades laborais e melhorar a remuneração. E ao serem arguidos sobre como se veem daqui a 5 anos, relata-se o desejo de estar cursando ou ter concluído um programa de mestrado. Da mesma maneira, os participantes E2, E4 e E5 atrelam a busca pelo conhecimento às suas aspirações futuras. Até mesmo a participante E3, que apesar de entender a importância de se capacitar constantemente, alega ter outras prioridades e não cria expectativas futuras em relação à realidade atual.

Ainda no eixo A, para a segunda cena foi gerada uma animação a partir de um trecho do filme estadunidense de 2003, “Anti-herói americano”, com a seguinte descrição: “A animação a seguir e a cena em sequência remetem à ideia de frustração sobre as escolhas profissionais e suas consequências nas relações de trabalho. Ativa o papel dos arquivistas no ambiente organizacional, a partir da ótica da identidade profissional’. O trecho mostra um profissional organizando pastas suspensas em um

arquivo; em seguida alguns documentos escapam de suas mãos, fazendo com que o arquivista desabe ao chão desolado, com notória insatisfação. Eis as questões relacionadas:

Entre as aflições e realizações na carreira, como você se sente sobre suas escolhas profissionais?	
E1	Acertadas pelas condições de trabalho e equivocadas por não ter desenvolvido outras áreas que tenho vocação.
E2	Hoje eu penso que talvez até poderia escolher uma outra profissão diferente do todas as que já gostei quando era mais novo, como trabalhar ao ar livre, um biólogo marinho por exemplo... Mas, de certa forma, hoje consigo entender a minha profissão como uma escolha mais racional e assertiva dentro dos riscos.
E3	Relativamente satisfeita.
E4	Eu me sinto satisfeita com as minhas escolhas e disposta a viver novos desafios.
E5	Em alguns momentos você se vê sem motivação, pois é uma área desvalorizada, mas eu sempre tento estar onde eu me sinto produtiva. Sempre fiz movimentos de mudanças e procurei crescer profissionalmente.

Quadro 10 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Ainda que o medo tenha sido uma variável assim como as hesitações durante a vida acadêmica, os participantes da pesquisa demonstram satisfação com a carreira e as escolhas realizadas. O que há não é uma frustração nem arrependimento, mas uma inquietação, aparentemente comum a todos que responderam à pergunta, incluindo a participante E3, que alega estar relativamente satisfeita.

Como foi a transição do mundo acadêmico para o mercado de trabalho?	
E1	Conturbada, devido ao mau momento econômico vivido pelo país na época da minha conclusão de curso (2013). Apenas iniciei a carreira na área em 2016.
E2	Foi rápida, pois por mais que eu já tivesse trabalhado e feito estágio no época da graduação, assim que me formei já havia passado no concurso, então foi uma transição imediata.
E3	Até que achei bem tranquila, mas tive pouca ou quase nenhuma chefia da área, isto atrapalhou bastante a questão da experiência e segurança profissional, tecnicamente falando.
E4	A transição na primeira graduação, em História, se deu de forma gradual. Primeiramente, com estágios e, depois, com emprego, antes de formar. Durante a graduação de Arquivologia, eu já trabalhava, mas era mal remunerada. Depois de algumas oportunidades profissionais, todas

	mal remuneradas, optei por fazer apenas estágio e dedicar a maior parte do meu tempo para estudar para concursos públicos e para a prova do mestrado.
E5	Não foi fácil, até que depois de muitas tentativas frustradas de ter um bom emprego decidi prestar concurso público.

Quadro 11 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

No seu ambiente de trabalho, como é a relação entre a educação formal e sua aplicação nas atividades cotidianas?	
E1	Importante e proveitosa, aplico bastante os conceitos aprendidos na minha formação.
E2	Uma relação mais humanista, pois costumo ver o trabalho como uma extensão do que acredito como pessoa, sendo assim, trato a Arquivologia como parte de uma organização social, que deve ser normas, mas que às vezes, também tem suas partes mais complexas.
E3	O fato de não haver arquivo na época da admissão implicou na não utilização de conhecimentos adquiridos na graduação.
E4	Sinto que a educação formal é aplicada nas minhas atividades cotidianas.
E5	Consigo aplicar muitas metodologias que estudei e vejo que meus cursos me trouxeram mais bagagem para implementar melhorias nas minhas atividades realizadas.

Quadro 12 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

As duas perguntas acima buscam analisar a formação para o trabalho e sua aplicação em uma carreira profissional, tendo, como referência, a formação omnilateral. Por meio delas, tentamos entender a relação do trabalhador recém-formado com o ambiente organizacional, uma vez que o mundo acadêmico é formado por um ambiente controlado, cuja aprendizagem vai além da práxis, mas proporciona uma visão universalista que envolve o conhecimento e o trabalho. No estágio, o então aluno, se depara com o possível choque de realidade entre conhecimento adquirido e sua aplicação como análise crítica para resolução de problemas. Já a vivência profissional é pautada na produção de riquezas e é menos tolerante ao erro.

Os entrevistados informaram reações adversas na transição da graduação para a atuação profissional. E1 e E5 não conseguiram, de imediato, ingressar no ambiente de trabalho e pôr em prática a formação acadêmica. E1 relatou também ter vivenciado uma transição conturbada em decorrência do cenário econômico do país entre 2013 e 2016. Já os participantes E2 e E3 indicaram uma transição tranquila, inclusive com a aprovação de um deles em um cargo público. A entrevistada E3 relata ainda que lhe

faltou orientação técnica profissional no início da carreira, o que atrapalhou sua experiência e provavelmente interferiu em sua estabilidade profissional. A participante E4, fazendo uma transição suave entre a História e a Arquivologia, optou por se preparar para um cargo público e continuar sua qualificação através do mestrado. A entrevistada E5 foi quem declarou ter passado maiores dificuldades na fase de transição entre a graduação e a prática do ofício, falou das frustrações na iniciativa privada e o ingresso na esfera pública através de um concurso.

A questão consecutiva quis entender como se dá a aplicação do conhecimento, através da educação formal em suas rotinas profissionais. À exceção da entrevistada E3, que alegou trabalhar em um espaço diferente para a qual foi admitido, houve consenso em relação ao proveito do conhecimento adquirido na formação acadêmica e suas aplicações profissionais no local de trabalho. O entrevistado E2 alegou aplicar um conhecimento que vai além da práxis, procurando adotar uma visão mais humanizada, para além das regras e normas técnicas; a nosso ver, em consonância com a formação omnilateral. As perguntas até aqui conduzidas mostram as trajetórias pessoais de profissionais de arquivo e elementos que formam suas identidades profissionais em espaços educacionais.

A terceira cena a ser exibida, um trecho da série brasileira de 2004, “Os Aspones”, ligada ao eixo B, investigou as relações de trabalho e a representação institucional dos trabalhadores de arquivo. Na cena selecionada, um arquivista tenta explicar para sua nova estagiária o trabalho nos arquivos. Para este trecho do filme foram produzidas duas perguntas ligadas à prática profissional no CEFET/RJ. Seguem ambas acopladas às suas respectivas respostas abaixo:

Como você entende que seus colegas de outros setores compreendem e aceitam da sua área de atuação profissional?

E1	Eles têm pouca ou nenhuma compreensão sobre o fazer arquivístico. Aceitam a atuação.
E2	Por ser uma área menos conhecida dentro do aspecto acadêmico, já vi muitos perguntarem se existe graduação para isso, mas a aceitação é normalizada conforme o desenvolvimento do trabalho e sua apresentação de resultados.
E3	Como uma simples guardadora de lixos, papeis...
E4	Hoje, no Arquivo Nacional, meus colegas compreendem muito bem a atuação profissional do Arquivista. No CEFET/RJ - Campus*, inicialmente, ninguém entendia o que eu iria fazer. Na medida que fui fazendo a gestão de documentos nos setores, a compreensão foi sendo conquistada.

E5 Eles não entendem e não valorizam o que fazemos.

Quadro 13 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Quanto à complexidade intelectual, como você entende a percepção dos profissionais de outras áreas sobre as atividades de arquivo?

E1 Possuem percepção muito rasa sobre as atividades, inclusive se surpreendendo por se tratar de atuação em que é necessária formação em curso superior.

E2 Muitos se surpreendem com a existência de normas e manuais, o que mostra que as atividades de arquivo não são meramente simples, porém, também nem tão complexas; só seguem princípios.

E3 Extremamente fácil e desnecessária graduação para tal.

E4 No Cefet/RJ - Campus*, não havia entendimento sobre no que consistia minha atuação profissional enquanto Arquivista. Assim, acredito que por uma questão de respeito e/ou constrangimento não havia discussões sobre a complexidade intelectual. Após o trabalho de gestão de documentos em alguns setores houve, por parte das pessoas de tais setores, a compreensão da complexidade intelectual das atividades de arquivo.

E5 Acredito que as pessoas não tenham ideia do que é o trabalho do arquivista e que seja apenas colocar em ordem alfabética e guardar papel.

Quadro 14 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

* Nome do campus suprimido para evitar a identificação do participante.

Como você entende que a instituição enxerga estrategicamente o papel do arquivo?

E1 Como gestor e fornecedor de acesso aos documentos.

E2 Como um papel administrativo, de guarda de documentos e recuperação de informação.

E3 Depósito de tudo o que não serve.

E4 No Arquivo Nacional, onde atualmente estou em exercício, há este entendimento sobre o papel estratégico do arquivo. No Cefet/RJ - Campus* não havia este entendimento.

E5 Não enxerga. Infelizmente a maioria das empresas não entende o real papel do arquivista e tão pouco entendem o quanto o gerenciamento das informações produzidas podem alavancar o sucesso de uma instituição.

Quadro 15 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

* Nome do campus suprimido para evitar a identificação do participante.

A formação de uma identidade profissional passa pela composição das percepções e do conhecimento do indivíduo e suas interações com o ambiente externo. Quanto a isso, exceto E4, percebe-se que os participantes da pesquisa entendem que sua área de atuação não é bem compreendida por colegas de trabalho de outros setores. Ainda que haja aceitação em alguns casos, é unânime a falta de entendimento da atuação do profissional de arquivo. Tal como apresentado na cena que encabeça essa discussão, os colegas de trabalho dos entrevistados não entendem a Arquivologia ou Biblioteconomia como áreas do conhecimento acadêmico, a ponto de o participante E2 relatar ter sido indagado sobre a existência de uma graduação para desempenhar atividades como arquivar e desarquivar documentos. As respostas aqui levantadas perpassam a questão da desvalorização da carreira, podendo impactar na identidade profissional dos envolvidos. Exemplos como dados pelas participantes E3 e E5 são bem emblemáticos em relação à forma estereotípica de que as pessoas veem tais profissionais. Somente E4 vive uma experiência diferente, após ter gerido um setor e ter vivenciado uma atuação profissional que transcende práticas repetitivas e automatizadas.

A confirmação de que os colegas de trabalho desconhecem a complexidade intelectual dos arquivistas e outros profissionais de arquivo é um dado importante levantado neste trabalho, mesmo antes da aplicação do produto. Seja pela percepção rasa, pelo desconhecimento de normas de manuais, a existência de graduação para tais profissões, sobre o que faz o arquivista, há pessoas reduzindo a imagem desses profissionais à figura de um trabalhador cuja função se resume a organizar alfabeticamente e guardar os documentos ou controlar o acervo de livros. A participante E5 descreve bem essa situação quando fala que para o senso comum, o profissional do arquivo é aquele incumbido de guardar papel. Com esse pensamento desconsideram que, por meio de documentos, obtêm-se informações e provas, tomam-se decisões administrativas e estratégicas ou se transmite conhecimento, por exemplo, dentre outras funções. Com isso, diminui-se o valor do documento, relegando-o há um pedaço de uma coisa qualquer, sem serventia. E, por extensão, o trabalhador que atua na gestão desse documento também tem sua formação profissional desacreditada.

Da mesma forma, alguns entrevistados entendem que não há uma visão externa positiva sobre os arquivos na instituição. Até mesmo quando se tenta obter uma opinião positiva sobre a visão que se tem dos arquivos, ela é carregada de lugares-comuns. Os participantes E1 e E2 parecem perceber um reflexo da visão geral da

sociedade em servidores que descompreendem o papel dos colegas responsáveis pelos documentos. A função do arquivo vai além da custódia do documento, pois tão importante quanto guardar é compreender por que se guarda e a quem pode interessar esses documentos custodiados sob à égide das sete funções arquivísticas, a saber: produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão dos documentos (Rousseau e Couture, 1998). A participante E3 acrescenta que colegas de outros setores enxergam o arquivo como um depósito de coisas sem serventia.

A última cena, ligada ao eixo C, aborda o autorreconhecimento e construção da identidade profissional num trecho da cena final do filme brasileiro “Beijo 2348/72”, quando um profissional de arquivo, manco, corcunda e isolado, finaliza o trâmite para arquivamento de um processo em um arquivo sombrio e empoeirado. No questionário do *EdPuzzle*, antecede à exibição a seguinte descrição: “Esta cena levanta o debate sobre o autorreconhecimento, a construção da identidade profissional e sua projeção exterior. Percepções de como o profissional de arquivo se enxerga e como ele é 'enxergado'”. Para este fragmento filmográfico, seguem perguntas acopladas às suas respectivas respostas.

Como o profissional de arquivo é identificado na sua instituição?	
E1	Arquivista.
E2	Como alguém que faz um trabalho administrativo acerca de documentos.
E3	Para uns, com muita importância, para outros, nem precisaria ter entrado na instituição.
E4	Em termos objetivos, tanto no CEFET/RJ- Campus* quanto no Arquivo Nacional, o profissional é identificado como Arquivista.
E5	Como o profissional que guarda papel.

Quadro 16 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

* Nome do campus suprimido para evitar a identificação do participante.

Já sobre a identificação do profissional de arquivo, percebe-se o perfil burocrata ou sua atividade predominantemente manual, sem a necessidade de conhecimento técnico e pensamento crítico. Ele se resume a alguém que guarda papel, que administra os documentos, uma pessoa sem importância, quase desnecessária para a instituição. Os participantes E1 e E4 entendem que o profissional é identificado como arquivista, porém ainda assim, em seus discursos, não fica claro se o arquivista é um

profissional com nível superior, dotado de uma visão analítica ou se o arquivista é somente um trabalhador destinado a colocar os papéis em ordem alfabética e guardá-los em estantes. Talvez para a entrevistada E4 o arquivista ganhe maior notoriedade. Ainda assim, não fica claro se existe ou não uma visão negativa sobre a profissão.

Como você lida com as possíveis percepções negativas da área de arquivo e de seus profissionais?	
E1	Hoje, de forma natural, tentando sempre explicar um pouco da profissão, quando solicitado.
E2	Não julgo, pois, a maioria das percepções negativas vem de quem não entende.
E3	Com tristeza e desânimo.
E4	Entendo que há desconhecimento sobre a área, portanto, lido com paciência, tentando explicar melhor sobre o fazer e o pensar na área da Arquivologia.
E5	Quando tenho oportunidade, mostro pra chefia o quanto eu posso ser útil no gerenciamento de sistemas e organização interna de documentos e informações.

Quadro 17 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Como você atua na instituição para evidenciar as atividades intelectuais da carreira?	
E1	Por meio de reuniões e palestras sobre as atividades arquivísticas, com orientações e visitas técnicas aos setores.
E2	Mantendo o fluxo de trabalho de forma correta e auxiliando nas demandas da melhor maneira possível.
E3	Tentando melhorar a recuperação dos documentos de forma mais ágil.
E4	Sendo proativa, crítica e me incluindo em discussões.
E5	Montando projetos que possam ser do interesse da comunidade organizacional.

Quadro 18 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

As duas perguntas supracitadas estão relacionadas à visão estereotípica que se tem das atividades ligadas à Arquivologia e quais ações podem ou devem ser feitas para modificá-la. Em resposta à primeira pergunta, os entrevistados demonstraram ter sabedoria, paciência e uma conduta de resiliência para com a situação. Entretanto, a participante E3 demonstrou claro descontentamento com a realidade que a cerca. Ela exemplifica bem os profissionais que demonstram passividade com a situação de baixa autoestima. Com a exceção da participante E5, que de forma proativa tenta atuar para desfazer possíveis percepções negativas, os demais relevam o desconhecimento acerca das profissões do arquivo de forma geral.

Já, quando questionados sobre as atuações, a maior parte dos entrevistados mostrou desenvolver atividades que envolvam. Alguns servidores indicaram criar alternativas para mitigar o estereótipo do trabalhador de arquivo e, através de uma boa atuação profissional, ir além de atividades mecânicas. Inclusive, os participantes E1 e E4 se destacam: buscam apresentar à comunidade uma visão realista das atividades desempenhadas e ganhar visibilidade, valorizando suas respectivas atuações. E3, entretanto, lança mão da agilidade e não menciona participar de qualquer atividade intelectual. Somente E5 desenvolve projetos no campus em que atua.

Pode citar alguma semelhança (estrutura, condições do ambiente, isolamento profissional etc.) entre a situação descrita na animação e algum momento profissional vivenciado por você?	
E1	Principalmente em relação às condições de ambiente, o arquivo é sempre alocado para os piores espaços da instituição.
E2	Já trabalhei em lugares onde realmente se precisava de uma organização documental especializada, além de toda insalubridade e outros pormenores inerentes da profissão.
E3	Eu e os demais arquivistas entramos na instituição sem termos uma estrutura apropriada para o desempenho do nosso trabalho.
E4	Insalubridade dos depósitos.
E5	Normalmente trabalhamos em salas sozinhos e sem muita estrutura.

Quadro 19 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Ainda que a cena retratada no filme mencionado possa parecer caricatural, existe uma percepção de que ao menos alguns ambientes destinados aos arquivos são inapropriados. Alguns arquivos podem ser definidos como locais escuros, isolados, úmidos, destinados a um trabalho rotulado como sem valor. Todos os participantes da pesquisa viram algum tipo de semelhança entre a estrutura apresentada no filme e a realidade por eles vivenciada, atualmente ou no passado.

As impressões sobre o valor dispensado aos arquivos são negativas. O local do arquivo não é tratado como espaço para disseminação da informação, formação do conhecimento e preservação da memória, mas um depósito de papel, como já mencionado diversas vezes pelos entrevistados: um espaço insalubre, destinado a outras finalidades, sem estrutura apropriada, que isola o trabalhador desta atividade dos demais na instituição. Entendemos que esta última cena parece ser a realidade do trabalho de muitos profissionais de arquivo e de outros servidores que atuam nos

arquivos. Os relatos dos servidores do CEFET/RJ indicam que, pelo menos em algum momento da profissão, trabalharam diretamente em espaços mal arejados e sofreram de alguns dos males, tal como se vê na cena.

Como valorizar a área de arquivo?	
E1	Depende dos profissionais da área, buscando primeiro o aperfeiçoamento.
E2	Acredito que aliado a capacitação, uma maior visibilidade acerca da importância dos arquivos e da sua praticidade em contar por meio de documentos fatores probatórios e históricos para a sociedade como um todo.
E3	Talvez com a introdução da área tecnológica com mais frequência; aprimoramento profissional; conhecimentos ampliados para outras áreas do conhecimento e não só de Arquivologia.
E4	Organização da categoria profissional com outros profissionais de áreas afins.
E5	Se capacitando, aprendendo e produzindo bons trabalhos que mostrem sua capacidade técnica. Criando projetos que integrem a área de arquivo com os outros setores.

Quadro 20 - Perguntas e respostas - questionário para aplicação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

A última pergunta tentou instigar os profissionais de arquivo a pensar em estratégias que despertassem nas pessoas mais respeito pela Arquivologia e Biblioteconomia. Depois das angústias com as escolhas da carreira, as apreensões durante o período de formação educacional, o choque de realidade no dia a dia, o preconceito do público externo, pensamos em sugerir algo propositivo que trouxesse motivação e transmitisse esperança aos servidores que se sentissem desmotivados. Segundo eles, alternativas para a valorização das carreiras que seguem passam pela qualificação, aperfeiçoamento profissional, busca por visibilidade, conhecimento interdisciplinar e organização como classe trabalhadora. Ainda que em certos momentos tenham apresentado descontentamento com a profissão, ou o ambiente que os cerca seja desmotivante, todos demonstraram o desejo de dias melhores e criaram propostas para fortalecimento das profissões e dos profissionais.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Após análise dos dados coletados a partir do questionário respondido pelos servidores do CEFET/RJ, foi elaborado um curso com uma metodologia similar ao verificado no próprio questionário: um debate estimulado pelos vídeos apresentados, através de uma roda de conversa virtual. Com a finalidade de fomentar o pensamento crítico, a roda de conversa foi estruturada em três eixos, que versaram sobre: a função social dos documentos e dos arquivos para a garantia de direitos civis e auxílio a reparações históricas; a função social dos profissionais de arquivo como organizadores do conhecimento, preservadores da memória e agentes de acesso à informação; e a preservação da memória social e suas relações com a organização do conhecimento, valorização social e a aprendizagem.

5.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Foram convidados os cinco servidores que responderam ao questionário. Desses, um servidor, o entrevistado E2, não participou do curso de capacitação, restando os quatro, que compareceram em momentos diferentes. Um servidor participou dia 16 de agosto de 2023, às 20h e as outras três servidoras acessaram a sala virtual dia 19 de agosto de 2023, às 15h, totalizando as quatro participações (E1, E3, E4 e E5). O encontro foi gravado, com permissão dos participantes, e seu acesso foi feito através de um link para uma sala, no *Google Meet*. Todos arquivistas e servidores efetivos, vinculados ao CEFET/RJ.

Como já se conheciam, não houve uma apresentação formal na abertura, com todos falando um pouco sobre suas trajetórias, de forma que a reunião constituiu um reencontro. O curso iniciou com a apresentação da proposta de capacitação, da roda de conversa como ferramenta de aprendizagem, fruto da análise dos dados coletados na etapa anterior da pesquisa e na finalidade de atender a um requisito da pesquisa, que é a formação educacional em serviço à luz da EPT. Para Afonso e Abade (2008), a roda de conversa “é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão (2008, p. 19)”. É entendido pelas autoras como forma de metodologia participativa de ampla utilização, com o uso do diálogo entre os participantes, “através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como com o uso de técnicas

de dinamização de grupo (ibidem)”. Também foram explicados os objetivos do curso e sua metodologia, despertando interesse ainda maior de alguns participantes.

Figura 6 - Esquematização do produto educacional



Fonte: Autor da pesquisa

Após a abertura e esclarecimentos iniciais, foi compartilhada a primeira cena a ser trabalhada, intitulada “HISTÓRIAS DE ARQUIVO - Episódio 2: A função social do arquivo”. Neste vídeo, desenvolvido pelo Centro de Memória da Unicamp, como ação integrante da 6ª Semana Nacional de Arquivos, uma profissional daquela instituição narra três acontecimentos ligados ao acervo da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e ao Hospital Irmãos Penteado. Em seguida, foi exibida uma reportagem do Jornal Nacional sobre o Arquivo do Ártico, um acervo armazenado com registros de vários países contendo depoimentos, fotografias, obras artísticas, entre outros materiais, como forma de manter preservada a memória cultural do mundo. Com o fim

da exibição das duas cenas, foi feita uma breve explicação sobre o tema e sua relação com as atividades cotidianas na instituição. Foi mencionada, aos participantes da roda de conversa, a importância do documento e do arquivo para além da guarda de documentos. No caso do CEFET, mostrar que os dossiês de alunos, por exemplo, podem ter um alcance maior do que o registro de sua passagem pela instituição. O arquivista pode até pensar no valor histórico de uma documentação, porém tão importante é entender a que se aplica esse valor, a quem atende e sua função social, como existe memória histórica nesses materiais, como os vídeos tentaram evidenciar.

As obras apresentam fragmentos que frisam a importância dos documentos e arquivos como e para a garantia de direitos individuais e coletivos, a busca por identidades profissionais dignificantes e reparação histórica. O participante E1, ao comentar sobre o primeiro vídeo, ressaltou a relevância do tratamento técnico dispensado ao acervo, que, enquanto certificação histórica, também figura como marco de conquista de garantias. Já no segundo vídeo, E1 comentou sobre o tipo de acervo custodiado no Arquivo do Ártico e sua grande importância para a humanidade. E5 acrescentou que o arquivista, dentro da instituição, é o profissional que, de certa forma, tem uma visão ampla sobre o fluxo informacional interno. Ainda que ele não tenha domínio sobre determinado acervo, seu conhecimento técnico de arquivista pode auxiliar outros servidores na recuperação da informação. E5 foi questionada se já possuía esse entendimento, uma vez que tem uma bibliotecária na família. A resposta foi negativa, visto que E5 adquiriu essa visão somente depois da graduação e ao longo de sua atuação profissional. A participante E4 também compartilhou ter desenvolvido essa percepção sobre o uso dos documentos no decorrer de suas atividades como arquivista, o que mostrou que um documento vai além da função probatória. Estas questões foram direcionadas para a participação do profissional do arquivo quanto a produção, preservação e renovação da memória institucional e como esses papéis integram a identidade profissional dos servidores em questão, capazes de criar, articular, integrar saberes em sintonia com a educação omnilateral e a formação em trabalho.

Com o fim da troca de ideias, baseada nos dois primeiros vídeos, foi apresentada uma nova reportagem, sobre os dez anos de promulgação da Lei de Acesso à Informação (LAI). Essa reportagem serviu para evidenciar a importância da aquisição e circulação de informação como ferramentas para o fortalecimento da

democracia, a formação do conhecimento e a preservação da memória, baseados no cotidiano da burocracia estatal e mediante as necessidades de atuação dos profissionais de arquivo, enquanto organizadores do conhecimento e agentes da memória. No segundo encontro, o mediador da roda de conversa fez uma ponte entre o trecho da série *Os Aspones*, utilizado anteriormente no questionário, e a reportagem sobre a LAI. Se, na série, as atividades técnicas dos arquivistas foram representadas de maneira caricatural, a reportagem agora apresenta um contraponto, tendo o profissional do arquivo a responsabilidade de atuar tecnicamente a fim de auxiliar na disponibilidade do acesso à informação e ajudar na manutenção da transparência e no fortalecimento da democracia. Para E5, “a LAI é totalmente relacionada à gestão de documentos”. A servidora mencionou artigos acadêmicos que associam o nível de transparência, ou sua falta, à organização dos arquivos. Além do mais, E4 comentando a reportagem, sobre a quantidade de pedidos de acesso à informação registrados no período, observou que essa informação tem um fim específico que aproxima o cidadão da Administração Pública, mas ressaltou, através da citação de um trabalho acadêmico, que boa parte dos usuários que utilizaram o serviço, em especial no período da Pandemia por Covid 19, não entenderam a efetividade da ferramenta, o que pode ter inflado os dados relativos às consultas. Ela ainda comentou suas dúvidas sobre a lei, em que medida esta evidencia a atuação profissional dos arquivistas. E4 percebe que ainda falta o entendimento, por parte da Administração Pública, de que o profissional pode render em benefício da sociedade. E5 entende que esse tema deveria ser levado para a sala de aula, na formação de novos profissionais para que não saiam da graduação despreparados, pois a má qualidade profissional impacta na defesa das profissões arquivísticas. E1 posicionou-se, entendendo que o produto principal da atuação do arquivista é o acesso; o que ele almeja como profissional é trabalhar tecnicamente, nas suas diversas áreas de atuação, para que o acesso, ou acessibilidade, da informação seja garantida à sociedade. Já a participante E3 questiona o nível de transparência dos dados governamentais, tem dúvidas entre o que se disponibiliza e o que se omite, entre questões legislativas e práticas. Essas questões quanto aos limites de atuação dos direitos outorgados ou incertos também foram direcionadas à temática da identidade profissional, proposta pela pesquisa.

Como elemento de descontração após o debate sobre um tema complexo e para dar leveza ao momento, foi exibida uma matéria da revista Superinteressante,

intitulada “Planos da Estrela da Morte poderiam ter sido protegidos por um bom arquivista. A sorte dos heróis de Rogue One é que o Império não parece dar muita atenção à segurança de seus arquivos digitais”, abordando o universo cinematográfico da franquia Star Wars e a importância de um arquivista na trama, pois em um dos filmes da série, a memória histórica só é reconstituída mediante o acesso a acervos informatizados. Mais uma vez, a questão da memória e da importância do profissional do arquivo como intelectual foi destacada.

Na última parte do curso, a fim de estimular o debate sobre a preservação da memória institucional como resultado da função social dos arquivos e da atuação profissional dos arquivistas, foi exibido o trailer do filme *Narradores de Javé*, que mostrou como a falta, ou a deturpação, da memória dos seus habitantes contribuiu para a ruína de um vilarejo. No curso realizado dia 16/08/2023, o mediador ainda apresentou uma tabela de temporalidade, instrumento técnico da gestão de documentos, que indica o prazo de guarda de documentos e sua destinação final (guarda permanente ou eliminação), para introduzir a ideia de memória construída, uma “artificialidade” elaborada a partir da dualidade guardar / descartar os documentos, por conseguinte as informações por ele registradas. E1 concordou com esse entendimento, observando que a memória é construída a partir da atribuição de valor que se dá aos documentos. Pare ele essa sequência de filmes foi feliz, pois construiu a noção de intermediação entre a informação e os profissionais atuantes, resultando na construção da memória. E4 lembrou que entre as atividades do arquivista está a avaliação e seleção dos documentos. Mesmo que a tabela de temporalidade indique um descarte, às vezes é perceptível a necessidade de se manter determinada informação, informação esta que E5 já havia mencionado antes. Para E5, às vezes a maneira de descrever uma informação, de preencher um formulário, já pode servir de seleção para o futuro. Para ela todo o tempo o arquivista atua como agente do futuro, por vezes sem perceber; leva um tempo até atingir uma maturidade e entender que o que parece ser intuitivo trata-se de uma função do profissional. De fato, o recorte e perspectiva de quem registra a história demonstra um ponto de vista. Daí a importância de registrar a memória a partir de um ponto de vista coletivo e democrático, sobretudo, no que tange à memória de uma instituição educacional, como afirma Ciavatta (2005).

Para finalizar a roda de conversa, foi feito um resumo, a fim de fixar o conteúdo, demonstrando a relação entre a organização da informação e seus impactos na

construção da memória institucional e o papel identitário do arquivista nesse processo. Destacou-se a importância desse profissional entender não só sua rotina diária com o acervo do CEFET/RJ, mas saber por que realiza tais atividades e o que isso acarretará para a sociedade e para a instituição caso o trabalho seja bem ou malconduzido. Também foi abordada, nesse momento, a necessidade da formação omnilateral no trabalho, para que a valorização do profissional se dê por este viés, enfatizando o aspecto social e dignificante do trabalho, como elemento fundamental na construção e prática da cidadania. Foi ressaltado que o trabalho do profissional de arquivo não se resume a uma organização física dos documentos, pois é uma atividade com alto senso crítico, intelectual e que tal profissional não pode se ver isolado da instituição ou de práticas intelectivas. E com essa última fala, o conteúdo do curso foi finalizado. Os participantes fizeram alguns comentários sobre a dinâmica do curso, seu conteúdo e pontos para reflexão. Após despedidas a conexão foi desfeita e o curso encerrado. O encontro ocorrido dia 16/08/2023 durou cerca de uma hora e o encontro de 19/08/2023, por volta de uma hora e meia.

5.2 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Concluído o curso, um questionário foi submetido aos servidores, para que se captassem as impressões e opiniões dos entrevistados quanto à aplicação do curso, o desenvolvimento da roda de conversa e como produto educacional fora oferecido. Com a aplicação e avaliação do produto educacional, foi elaborado um material informativo a fim de apresentar uma visão crítica sobre a identidade, o papel e a intelectualidade dos trabalhadores de arquivo, de acordo com as percepções dos sujeitos da pesquisa. Além de apoiar o desenvolvimento epistemológico das carreiras em voga, o material traz contribuições para estudos identitários das categorias e o aprimoramento de uma consciência laborativa, de como o profissional ligado à preservação da memória pode ser capaz de impactar diversos setores de uma organização, sobretudo numa instituição de ensino e educação como o CEFET/RJ.

A primeira pergunta foi sobre a possibilidade de o curso impactar o entendimento do participante sobre a atuação profissional do arquivista na instituição. Lembrando que o participante E2 não esteve em nenhuma das datas disponibilizadas para apresentação do curso e, portanto, não respondeu ao questionário de avaliação do produto educacional. Os participantes presentes no curso o consideraram exitoso,

no sentido de impactar os servidores e os motivar profissionalmente, como pode ser verificado no quadro abaixo:

O curso conseguiu, de alguma forma, impactar seu entendimento sobre os profissionais de arquivo e suas funções na instituição? Se sim, de qual maneira? Se não, por quê?	
E1	Sim. O curso traz uma abordagem que proporciona a compreensão sobre a importância do arquivista nas instituições, como profissionais responsáveis pela gestão documental que resultará no acesso à informação.
E3	Impactar talvez não, mas reforçar a ideia do papel do arquivista.
E4	Sim, as reflexões produziram análise crítica sobre o posicionamento social dos(as) arquivistas e sobre sua atuação.
E5	Sim, pois mostrou de forma mais prática as atuações diversas do arquivista em uma instituição.

Quadro 21 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

O questionamento seguinte quis saber se houve aprimoramento profissional a partir da roda de conversa, se a aplicação do produto trouxe conhecimento, consciência quanto à identidade profissional, como pode ser verificado:

De que maneira esta roda de conversa pode contribuir para o aprimoramento de suas práticas profissionais?	
E1	No entendimento do meu papel como arquivista quanto à responsabilidade no tratamento das informações e na garantia do seu acesso.
E3	Incentivando de acordo com vários assuntos abordados a constante busca por mais conhecimentos.
E4	A roda de conversa reforçou a identidade profissional, o que gera o sentimento de unidade, proporcionando o desejo de compartilhar ideias nas práticas profissionais.
E5	Trazendo mais consciência dos desdobramentos das nossas atividades diárias, tanto para os cidadãos como para a memória institucional.

Quadro 22 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Já sobre os recursos utilizados no curso, obtiveram-se as seguintes respostas:

Qual sua opinião sobre os recursos metodológicos aplicados em relação ao uso de filmes nos encontros?	
E1	Didáticos e foram apresentados em uma cronologia que melhora a interação na conversa.
E3	Achei criativo e bem elaborado.
E4	Os recursos metodológicos foram bem aplicados, adequados para as discussões e bem selecionados.
E5	Os filmes foram ótimos e trouxeram boas reflexões sobre os temas propostos.

Quadro 23 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Numa escala de 0 a 10, considerando que zero correspondia a completamente insatisfeito/a e dez correspondia a completamente satisfeito/a, todos os participantes atribuíram nota máxima (10) ao nível de satisfação com o curso apresentado. Como justificativa, foram as seguintes respostas:

Justifique a resposta anterior	
E1	O curso é de fácil assimilação e aborda temas de grande relevância sobre o profissional de arquivo.
E3	Considerarei autêntico e importante.
E4	As atividades foram bem planejadas e as discussões foram frutíferas.
E5	As reflexões foram muito enriquecedoras.

Quadro 24 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

E por fim, foi disponibilizado um espaço para críticas e sugestões. Obteve-se as seguintes respostas:

Quais críticas e/ ou sugestões você pode deixar a este curso, proposto como produto educacional da pesquisa “A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)”?	
E1	Sugiro a adição de um conteúdo sobre o papel do arquivista em tomadas de decisão, semelhante ao apresentado na matéria textual da Superinteressante.
E3	Sugeriria que as respostas não fossem em tempo real, pois no dia a dia de cada um fica difícil juntar todo mundo em um mesmo momento.
E4	Gostaria de parabenizar pela iniciativa e registrar que desejo a versão final da dissertação, quando esta estiver finalizada.
E5	Trazer parâmetros para os professores trabalharem questões relacionadas ao papel do arquivista frente à sociedade.

Quadro 25 - Perguntas e respostas - questionário para avaliação do produto educacional

Fonte: Autor da pesquisa

Com a análise das respostas obtidas na ficha de avaliação final do produto educacional, houve o entendimento pelo êxito do curso quanto ao seu propósito junto aos servidores do CEFET/RJ, considerando que houve debate, aprendizagem, reflexão à luz da EPT sobre a importância do papel, identidade profissional, atuação do profissional do arquivo como aquele que organiza e guarda a memória da instituição educacional, dentre outras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar uma pesquisa voltada para um problema que demandava uma ação interventiva e contributiva, revelou-se um desafio além da observação e análise, dentro do formato do mestrado profissional, pois se espera que um produto educacional a ser gerado seja capaz de intervir na realidade profissional dos atores envolvidos, gerando aprendizagem, transformação social e epistemológica. Considerando que o pesquisador, como arquivista e servidor público de uma instituição federal de ensino tecnológico, foi tão impactado pelos pressupostos teóricos da EPT quanto seus pares.

Para atender o objetivo de facilitar o processo de construção da identidade profissional dos arquivistas e outros profissionais ligados à área, foi feito inicialmente um levantamento bibliográfico, com a finalidade de entender a complexidade da construção da identidade dos profissionais do arquivo no CEFET/RJ, quer seja individualmente ou de maneira coletiva, as mudanças constantes nos perfis identitários de uma instituição, e como esses processos reverberam na construção de uma memória social, fruto de percepções, desejos, aprendizagem, experiências etc. Também foi importante estudar os processos de educação para o trabalho, não sobre a ótica liberal e mecanicista, mas sob um viés social do trabalho, assim como a consciência e autorreconhecimento acerca do trabalho crítico praticado pelos arquivistas. Tudo isso contribuiu para que a pesquisa fosse exitosa.

As bases conceituais, o trabalho de campo e a coleta de dados possibilitaram o processo investigatório, permitindo que o curso de formação profissional se concretizasse. A elaboração do questionário prévio à aplicação ocorreu a partir de ferramentas cujo uso foi incentivado no processo de aprendizagem da própria pesquisa. Este questionário foi aplicado entre os pares, com questões sobre o passado acadêmico e seus anseios, cotidiano profissional, perspectivas para o futuro e bases para uma construção identitárias profissional, utilizando recursos audiovisuais, que estimularam a reflexão e o senso crítico.

Dando continuidade às reflexões iniciais, o produto educacional se deu no formato de roda de conversa voltado para a questão da identidade profissional do servidor ligado aos arquivos no CEFET/RJ, sua participação como organizador da memória histórica da instituição. Após o debate dividido em dois encontros, um segundo questionário foi distribuído com a intenção de avaliar que efeito a intervenção

proposta criou no público-alvo. Se houve estímulo à autorreflexão, ou o estímulo à busca pela aprendizagem e o entendimento que a discussão iniciada é um processo constante. O alvo principal era estimular a consciência de que o trabalho desempenhado pelos servidores do CEFET/RJ vai além do trabalho manual, reflete um trabalho intelectual, crítico e que atende a um propósito: serve de base no processo de aprendizagem, atividade finalística na instituição, e suporte das ações administrativas, que servem de apoio a manutenção da rotina do CEFET e é de suma importância.

Ainda que o produto educacional tenha se voltado para uma área muito específica e para um público de igual maneira específico da instituição, entende-se que ele contribuiu para o processo de construção da identidade profissional dos participantes e sua participação na memória institucional, à luz da EPT, através de uma abordagem que buscou facilitar esse entendimento de servidores atuantes. Em uma instituição pública que oferece educação profissional e tecnológica gratuita e para todos, é importante que seus servidores estejam integrados a esta proposta de aprendizagem e busca pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. Disponível em: https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para_reinventar_as_rodas.pdf. Acesso em: novembro de 2023.

ALVARENGA Jr., José. **OS ASPONES [seriado]**. Rio de Janeiro: Central Globo de produção, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

Arquivo mundial do ártico guarda histórias de vida de brasileiros. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/02/arquivo-mundial-do-artico-guarda-historias-de-vida-de-brasileiros.ghtml>. Acesso em: abril de 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZAMBUJA, Luiza Schuch de. **Arquivologia e o Arquivista**. Youtube, 9 jun. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZaYrVhkdOk>. Acesso em 11 abr. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

BERMAN, Shari Springer & PULCINI, Robert. **Anti-herói americano**. Santa Monica: HBO Films, 2003. 101 min.

BRASIL. **Lei Federal nº 6.546, de 4 de julho de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6546.htm. Acesso em: agosto de 2021.

_____. **Decreto Federal nº 82.590, de 6 de novembro de 1978**. Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de técnico de Arquivo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d82590.htm. Acesso em: agosto de 2021.

_____. **Decreto Federal nº 10.148, de 2 de dezembro de 2019**. Institui a Comissão de Coordenação do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da administração pública federal, dispõe sobre a Comissão Permanente de Avaliação de Do-

cumentos, as Subcomissões de Coordenação do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da Administração Pública Federal e o Conselho Nacional de Arquivos, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10148.htm. Acesso em: agosto de 2021.

BECKER, Fernando. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 19 (1), p. 89-96, jan./jun. 1994.

CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. In: RAMOS, M.; FRIGOTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado: Concepções e Contradições**. São Paulo: Cortez, 2005, p.83-105.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. 11ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

Edwards, Gareth. **ROGUE ONE: UMA HISTÓRIA STAR WARS**. Estados Unidos: Disney Pictures, 2016. 133 min.

FARTES, Vera Lúcia B.; SANTOS, Adriana Paula Q. O. **Saberes, identidade e autonomia na cultura docente na educação profissional e tecnológica**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 376-401, maio/ago. 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Institutos Federais de Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2018.

_____. **A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classes**. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40. jan./abr. 2009.

GADELHA, A. **Diagnóstico dos Arquivos e diretrizes para gestão de documentos do Centro Federal De Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Escola de Arquivologia, UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 127. 2016.

GATTI, Bernardete A. **Pesquisar em educação: considerações sobre alguns pontos-chave**. Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 19, set/dez, p. 25-35. Paraná, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **The politics of postmodernism**. London & New York: Routledge, 1990.

JONZE, Spike. **Quero ser John Malkovich**. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 112 min.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP.1990.

Lei de Acesso à Informação completa 10 anos. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/16/lei-de-acesso-a-informacao-completa-10-anos.ghtml>. Acesso em 27 out. 2022.

MENDONÇA Filho, Kleber. **Aquarius**. Brasil, França: Vitrine Filmes, 2016. 146 min.

MESZÁROS, Istvan. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Vinícius de. **Balada das Arquivistas**. In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

ROGÉRIO, Walter. **BEIJO 2348/72**. Barueri: Alpha Filmes, 1990. 100 min.

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da Politecnia**. Trabalho, Educação e Saúde, 1(1):131-152, 2003. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1958>. Acesso em: 23 nov. 2023.

_____. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SCHAFFER, Jeff. **Eurotrip - Passaporte para a confusão**. Estados Unidos: DreamWorks, 2004. 93 min.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD**. Domínios de Linguagem, v. 10, p. 1076-1094, 2016.

SODERBERGH, Steven. **Erin Brockovich - Uma mulher de talento**. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2000. 130 min.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

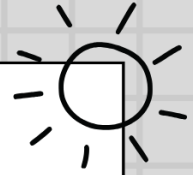
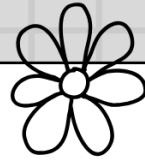
TOGNOLI, N. **A contribuição epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília, p. 120. 2010.

VALLE, A. **Trabalhadores técnico-administrativos em educação da UFMG: inserção institucional e superação da subalternidade.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG. Belo Horizonte, p. 182. 2014.

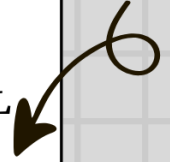
VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto.** In: Revista Tempo Brasileiro, n. 95, p, 119-126, out/dez 1988.

WOLNIEWICZ, E. **A construção da identidade profissional do técnico-administrativo em educação: saindo dos bastidores da educação profissional e tecnológica.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Centro de Referência em Formação e Educação à Distância – CERFEAD, IFSC. Florianópolis, p. 240. 2019.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

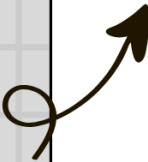


A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL
DOS TRABALHADORES DE ARQUIVO:



Roteiro

Para uma roda de conversa





INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE CURSO DE CAPACITAÇÃO (RODA DE CONVERSA)

Portfólio do produto educacional sobre a pesquisa

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS
TRABALHADORES DE ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)

Autores:

Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior

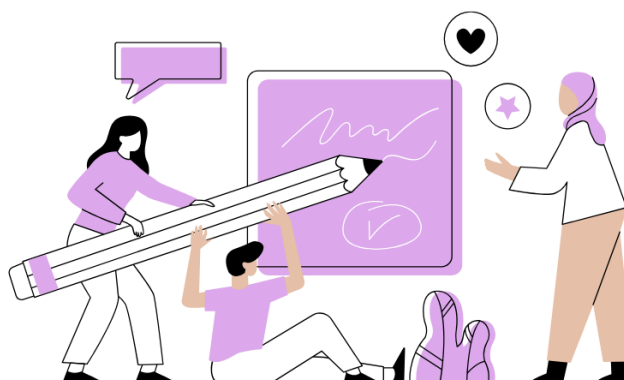
Orientador

Leonardo Souza Santos

Mestrando

MESQUITA
2023

SUMÁRIO



03

Apresentação

O que, por que e para que

04

Sobre os autores

Quem

05

Bases conceituais

Uma breve introdução à EPT

09

O roteiro

Abertura, apresentação dos vídeos, debate e encerramento

24

Avaliação

O que acharam

26

Referências

Quem citamos

APRESENTAÇÃO

ESTE PORTFÓLIO É COMPOSTO DE UM ROTEIRO PARA APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL ELABORADO COMO PRÉ-REQUISITO DO PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT, PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO – IFRJ.

A PESQUISA FOI ELABORADA COM O OBJETIVO DE FACILITAR O PROCESSO CONTÍNUO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO SERVIDOR ATUANTE NOS ARQUIVOS DO CEFET/RJ, ENQUANTO INTELLECTUAL E AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL, POR MEIO DA EPT, RESULTANDO NA DISSERTAÇÃO "A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA(EPT)" E NESTE PRÓDUTO EDUCACIONAL.

CONSTITUI-SE DE UM CURSO DE CAPACITAÇÃO, NA FORMA E UMA RODA DE CONVERSA VIRTUAL, DESENVOLVIDO COM O INTUITO DE ABORDAR A IDEIA DE IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE ARQUIVO, SUAS ATUAÇÕES E OS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL. PARA ISSO RECORREU-SE AO USO DE ESTÍMULOS À PERCEPÇÃO E AO RECONHECIMENTO DE UM PROCESSO QUE VAI ALÉM DA APRENDIZAGEM PELA APRENDIZAGEM, MAS A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO AMPLIADO PELOS SABERES E SENSACIONES.

Leonardo Souza Santos

Sobre os Autores



LEONARDO SOUZA SANTOS

Mestrando da turma 2021 do Mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Macroprojeto: Organização de espaços pedagógicos da EPT.



HELENO ÁLVARES BEZERRA JR.

Doutor em Literatura Comparada (UERJ, 2011). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ, 2006). Especialista em Literaturas de Língua Inglesa (2003) Graduado em Letras Português Inglês (UERJ, 1997) Atuação: Professor Orientador do Programa de Mestrado ProfEPT (IFRJ/ Campus Mesquita) com ênfase em Representações Artísticas relativas a teorias historiográficas e literárias sobre Memória e Organização do Trabalho, além de Estudos sobre Diversidade em EPT., Professor de Educação e Diversidade e Educação e Direitos Humanos na Licenciatura em Computação (IFRJ/ Campus Pinheiral), Professor em de Língua Inglesa no Ensino Médio Integrado (IFRJ/ Campus Pinheiral).

Produto educacional

Bases Conceituais

Uma breve introdução à EPT

Um roteiro

Trabalho: Ferramenta de transformação

Na compreensão de Frigotto (2009), Marx define o trabalho criticamente como uma atividade exclusivamente humana, “um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (Marx Apud Frigotto, 2009, p. 174).



Em se tratando dos trabalhadores de arquivo atuantes no CEFET/RJ, é importante observar como esses servidores se percebem nessa relação homem e natureza, sob os aspectos do trabalho, além de atestar que grau aferem ao nível de contribuição intelectual por eles desempenhado em suas áreas de atuação.

Bases conceituais



Identidade e memória social

Preservar a memória institucional significa, antes de tudo, abordar o senso comum sob uma ótica crítica; a começar pela equivocada definição de memória enquanto acúmulo de informações e fatos históricos.

Memória pode ser individual ou uma colcha de retalhos a partir de uma coletividade que se empreende na reconstituição de um fato pretérito, como explica Pollack (1989, p.8): “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Como o sujeito contemporâneo não deve ter a pretensão de deter todo o conhecimento possível, o resgate, manutenção ou transformação da identidade por meio da memória coletiva é imprescindível.

Produto educacional: um roteiro

Roda de Conversa

Para Afonso e Abade (2008)



“Uma Roda de Conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo. É um tipo de metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos para promover uma cultura de reflexão[...]”

Produto educacional: um roteiro

Produto educacional

O roteiro

Um roteiro

O roteiro



Abertura

Ambientação: Por ser um encontro virtual, ainda que entre pares que se conheciam, foi importante um momento de ambientação, informal, para que todos se sentissem confortáveis em participar.

Apresentação da proposta: Foi comunicado o porquê e a que se destinava a realização do curso.

Apresentação dos objetivos do curso: Esclarecimentos sobre o que se pretendia alcançar.

Apresentação da metodologia: Detalhamento sobre o uso de obras artísticas que despertem a valorização do arquivista, dos arquivos e da memória institucional, além de estimular o debate.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro

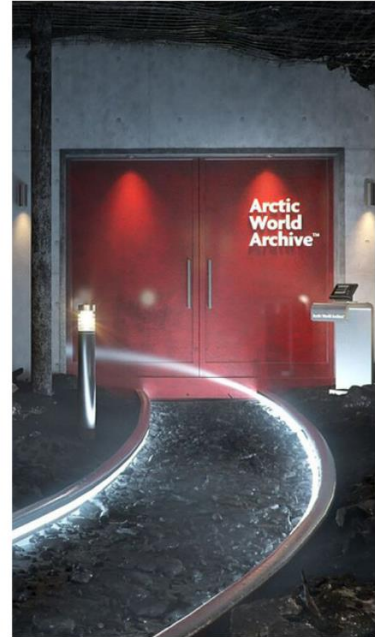
O Valor dos Arquivos

Debate sobre a função social dos documentos e arquivos para a garantia de direitos civis e auxílio a reparações históricas.



Produto educacional: um roteiro

O roteiro



Contextualização dos vídeos: introdução ao debate

Mediador:

“Então você vê que o documento vai além de ser uma informação registrada no suporte para um valor administrativo. Já no segundo caso apesar de terem documentos considerados históricos, a ideia é do futuro o que a gente deixa como legado, certo?”

O que a gente produziu até agora, o que a gente está produzindo e essa ideia que fica para gerações futuras, que talvez, de repente correm o risco de não terem a menor ideia como a gente viveu, de que maneira a gente viveu, as condições.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro

As informações, elas têm uma função que também vão além de registrar administrativamente uma informação. E aí, trazendo para a realidade do CEFET a minha realidade, a sua né?

A gente precisa entender que o que a gente faz, o registro que a gente organiza, separa, avalia... ele tem outra função também, de ir além de ser um registro.

Vamos imaginar um dossiê de aluno: No campus Maracanã, salvo melhor informação, eu sei que algumas pessoas que fizeram um curso técnico nos anos 60 e 70 e agora estão prestes a se aposentarem foram até ao CEFET porque o curso técnico e o estágio que eles fizeram parece que serve como garantia de tempo de serviço. Aposentadoria. Então, isso é uma coisa importante. É uma função importante do documento que vai além daquele momento de registrar um estágio ou outros dados no dossiê do aluno ou para obter uma nota para obter um grau.

E isso também mostra que o trabalho do arquivista vai além da guarda do documento. Veremos em seguida, o papel do arquivista, mas adianto a ideia de que a atividade não é simplesmente guardar tudo sem um propósito, correto? É importante a gente identificar a função do documento, do arquivo na instituição e o que isso quer dizer para a memória da instituição, para a preservação cultural.

A sua atividade vai impactar diretamente na vida de alguém que precise acessar uma informação posteriormente ou poder garantir também uma pesquisa na área para a manutenção de um curso, ou a abertura de novos cursos, que atendam à determinada área, de repente por conta das informações que são produzidas, né?

Esses dois primeiros vídeos eram para ambientar e para mostrar que a informação vai além de ser um registro num suporte”.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro



Abordando questões no debate

- Função Social do arquivo
- O arquivo para além do arquivo
- O profissional de arquivo para além das funções arquivísticas

Produto educacional: um roteiro

O roteiro

g1 JORNAL NACIONAL

Lei de Acesso à Informação completa 10 anos

Especialistas alertam que a transparência que ela impôs tem sido ameaçada.

16/05/2022 23h34 - Atualizado há um ano

LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO	
FONTE: PLANALCO	
▶ PEDIDOS (2012 - 2022)	1.136.660
▶ PEDIDOS EM	119.104
▶ PRAZO LEGAL:	20 DIAS
▶ GOVERNO DEMORA, EM MÉDIA,	14,97 DIAS

Lei de Acesso à Informação completa 10 anos



O papel dos arquivistas



Debate sobre a função social dos profissionais de arquivo como organizadores do conhecimento, preservadores da memórias e agentes de acesso à informação.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro



Contextualização das reportagens: introdução ao debate

Mediador:

“A reportagem sobre os 10 anos da promulgação da lei de acesso à informação fala do óbvio: o acesso. Mas a gente não pode esquecer o tratamento dessa, como a gente vai garantir esse acesso. Também é o papel do arquivista a organização desse conteúdo, desse conhecimento, do tratamento desse acervo tratamento.

Ou, imagina garantir o acesso perante uma massa documental acumulada sem nenhum tratamento. Como é recuperar determinada informação nessa massa? O arquivista é um profissional é importante nesse sentido. Os profissionais de arquivo, de modo geral.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro

A reportagem não citou, mas a informação não está assim, né? Em ponto de ser disponibilizada. Já que é um processo contínuo de produção de documentos, também contínuo devem ser os processos de classificação e avaliação, ou seja, o tratamento técnico dispensando aos documentos, sob a perspectiva de uma análise crítica, um tratamento com uma atividade intelectual que, quando se fala no arquivista ou na própria Arquivologia muita gente ignora, mas você viu aí no exemplo que é importante.

Eu entendo ser é importante que o arquivista faça parte dessa atividade. A gente como servidor, como arquivista, a gente precisa participar desse processo. A gente tem que entender como é que funciona esse fluxo na Instituição, correto? Entre a solicitação da informação e nossa função de recuperá-la e garantir o acesso.

Você conhece o universo Star Wars? Vou compartilhar aqui para você a manchete e o primeiro parágrafo dessa reportagem aqui, as Revista Super Interessante: ‘Planos para Estrela da Morte poderiam ter sido protegidos por um bom arquivista’. Uma reportagem bem-humorada, mas de certa forma também mostra que até no universo Star Wars o papel do arquivista é importante, como profissional para fazer essa ponte entre a informação e o consulente. Certo?”.

O roteiro



Abordando questões no debate

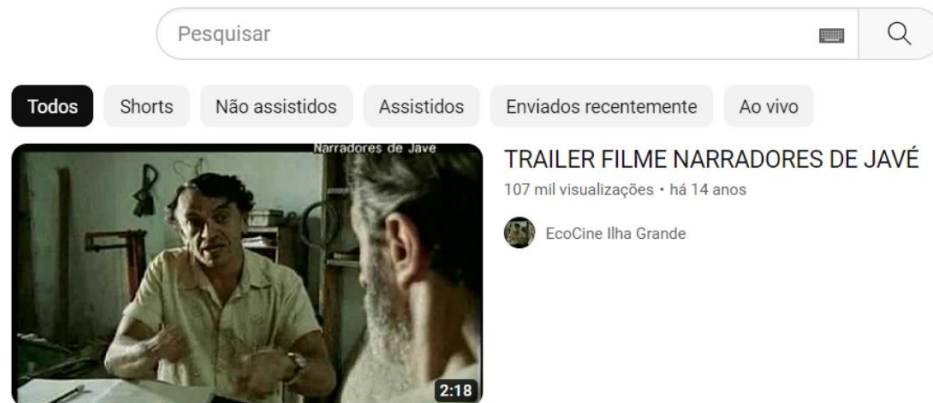
- A função social do arquivista
- A banalização das atividades arquivísticas versus a democracia através do acesso à informação
- O arquivista como agente de transformação

Produto educacional: um roteiro

O roteiro

A valorização dos arquivistas

Debate sobre a preservação da memória social e suas relações com a organização do conhecimento, valorização social e a aprendizagem.



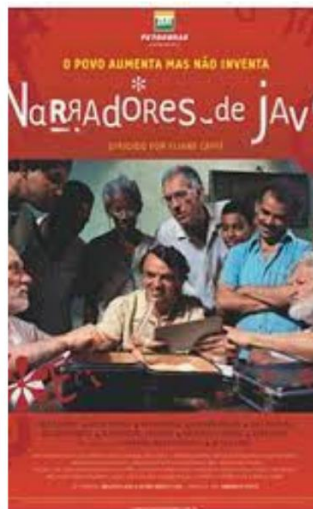
Produto educacional: um roteiro

O roteiro

Contextualização do vídeo: introdução ao debate

Mediador:

“Antes de falar sobre o filme Narradores de Javé, gostaria de mencionar o filme Bacurau, porque conseguimos trazer para nossa realidade. Conseguimos visualizar aspectos sobre a construção da memória social. Logo no começo de Bacurau, quando uma personagem fica à porta do museu apresentando a história da região, da localidade aos forasteiros, se aqueles invasores tivessem ido ao museu saberiam que ali não se tinha um povo tão pacífico. Que não era tão fácil invadir e caçar como eles tentariam.



Produto educacional: um roteiro

O roteiro

Já em relação aos Narradores de Javé o entendimento que orbita sobre a questão da construção da memória. Essa construção baseada na avaliação que a gente faz das informações registradas, guardadas ou excluídas.

No filme, por meio do humor, apresenta-se uma ideia de uma construção artificial. Mas, se pararmos para pensar, fazemos assim. Não dessa forma deliberada, mas é uma construção. Eu uso como exemplo uma tabela de temporalidade das IFES. Dentro das atividades de assistência estudantil, né? Então você tem lá o código de inscrição seleção, admissão e renovação. Mas como se chegam aos prazos e destinos da tabela? A escolha por eliminação ou guarda permanente, 1 ano no arquivo corrente ou 10, oriunda de uma construção artificial, por mais que se utilize procedimentos técnicos, de ferramentas auxiliares. Ainda assim é uma construção baseada na subjetividade de quem avalia. E isso ficará como legado.

Então eu mostrei o narrador de Javé, e a sua construção artificial, nesse caso deliberada, para abordar os impactos das escolhas na construção da memória da instituição. Como os documentos e os servidores afetam e são afetados pelas escolhas. Além de demonstrar que o arquivista é um profissional que tem de estar ligado nessa questão técnica. Não é uma coisa assim, leviana: 'Ah esse documento aqui pode jogar fora, esse documento guarda'. Não! É um processo intelectual, de análise crítica, ligado a um trabalho técnico, intelectual. Por mais que a gente desenvolva atividades manuais no dia a dia, na organização, higienização e seleção de documentos, a gente tem uma atividade intelectual e crítica muito forte, que vai influenciar na função social dos arquivos, dos documentos.

É importante termos o entendimento de que o trabalho realizado não é um trabalho qualquer, puramente manual e repetitivo”.

Produto educacional: um roteiro

O roteiro



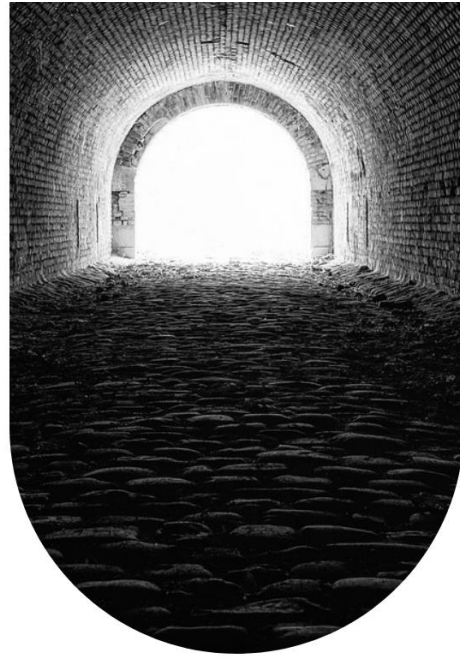
Abordando questões no debate

- A construção da memória a partir de escolhas
- A memória institucional como reflexo das atividades dos profissionais de arquivo
- O autorreconhecimento na construção da memória

Produto educacional: um roteiro

Fechamento

Fechamento da roda de conversa, com um resumo das questões debatidas no curso, destacando ideias sobre o trabalho do arquivista, muito além da práxis; a importância da ampla e constante capacitação do servidor e a necessidade de uma visão extensa do ambiente de trabalho, e os impactos de suas ações.



Nesse momento os participantes foram estimulados a falar sobre suas percepções do mundo o trabalho, em relação às atividades de arquivo e sobre as contribuições da roda de conversa como impulso ao pensamento crítico na rotina laboral.



Produto educacional: um roteiro

Produto educacional

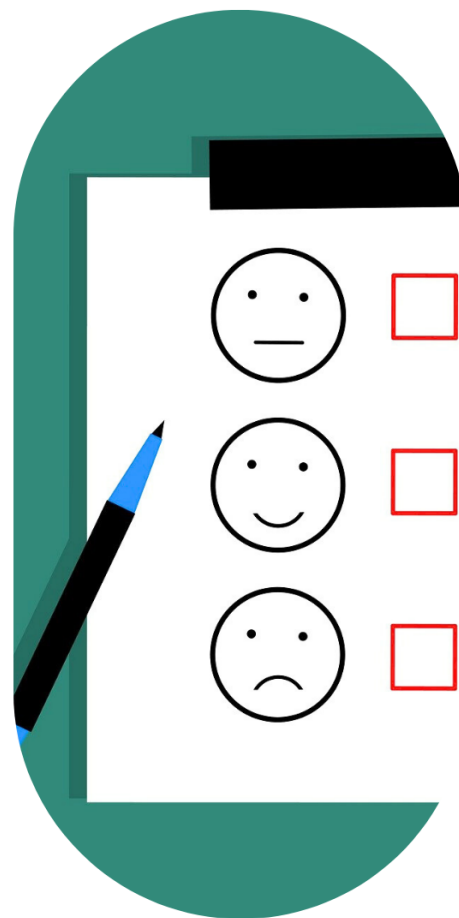
Avaliação

Um roteiro

Aplicação de Questionário

Após a realização da roda de conversa, foi disponibilizado um formulário, pela ferramenta *Google Forms*, para que os participantes avaliassem o produto educacional aplicado.

Esse momento também é muito relevante, pois é quando os participantes podem opinar e registrar suas impressões sobre a capacitação desenvolvida, com os pontos positivos e pontos a melhorar.



Produto educacional

Referências

Um roteiro



AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. Para reinventar as Rodas. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. Disponível em: https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-reinventar-a-roda/para_reinventar_as_rodas.pdf. Acesso em: novembro de 2023.

Arquivo mundial do ártico guarda histórias de vida de brasileiros. Portal G1, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/02/arquivo-mundial-do-artico-guarda-historias-de-vida-de-brasileiros.ghtml>>. Acesso em 11 abr. 2022.

CAFFÉ, Eliana. Narradores de Javé. Brasil: Lumiere/Vídeo filmes, 2003. 102 min.

CENTRO de Memória - Unicamp. HISTÓRIAS DE ARQUIVO - Episódio 2: A função social do arquivo. Youtube, 07 de jun. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S2Ns_IFL14I>. Acesso em 20 de ago. de 2023.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: RAMOS, M.; FRIGOTO, G.;

Produto educacional: um roteiro



ClAVATTA, M. (Orgs.). Ensino médio integrado: Concepções e Contradições. São Paulo: Cortez, 2005, p.83-105.

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classes. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40. jan./abr. 2009.

Lei de Acesso à Informação completa 10 anos. Portal G1, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/16/lei-de-acesso-a-informacao-completa-10-anos.ghtml>>. Acesso em 27 out. 2022.

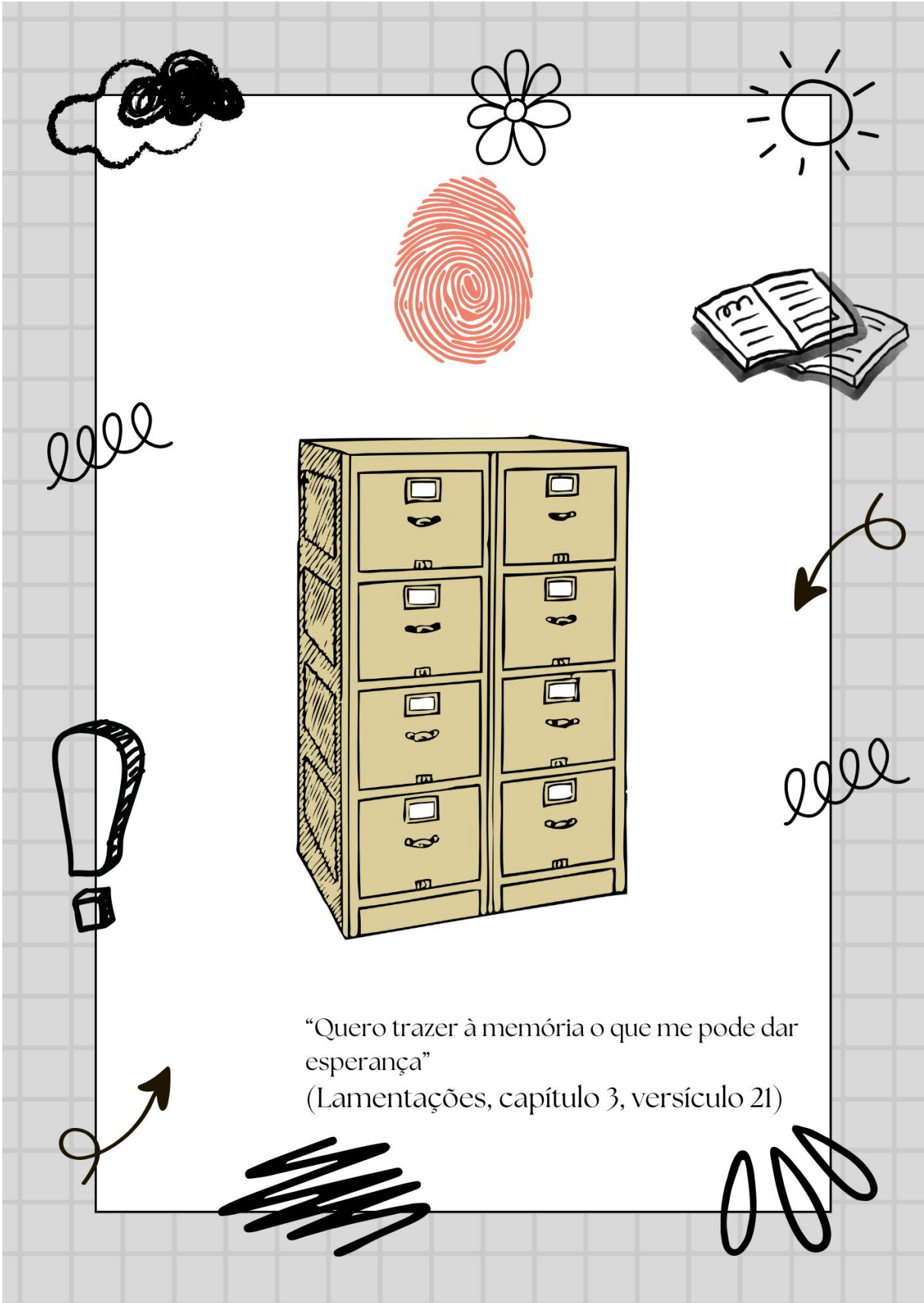
POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Produto educacional: um roteiro



SOARES, Jéssica. Planos da Estrela da Morte poderiam ter sido protegidos por um bom arquivista. Superinteressante, 2016. Disponível em <<https://super.abril.com.br/cultura/planos-da-estrela-da-morte-poderiam-ter-sido-protegidos-por-um-bom-bibliotecario>>. Acesso em 20 de ago. de 2023

Produto educacional: um roteiro



“Quero trazer à memória o que me pode dar
esperança”
(Lamentações, capítulo 3, versículo 21)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS E PRÉ-ATIVIDADE PARA A APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

- 1- Ao despontar para a vida adulta, como foi seu processo de escolha de uma carreira profissional?
- 2- Quais impactos a pressão familiar ou de amigos pode ter causado em sua escolha?
- 3- O que lhe motivou a escolher a área de arquivo?
- 4- Quais medos você teve nesse momento da vida?
- 5- Durante sua formação, quais apreensões você sentiu em relação ao futuro?
- 6- Quais conhecimentos prévios você tinha sobre áreas como Arquivologia e Biblioteconomia?
- 7- Como sua escolaridade influenciou a sua visão de mundo e a relação com outras pessoas?
- 8- Como você entende, na sua carreira profissional, a ideia de uma constante capacitação?
- 9- Profissionalmente, como você se enxerga daqui a 5 anos?
- 10-Entre as aflições e realizações na carreira, como você se sente sobre suas escolhas profissionais?
- 11-Como foi a transição do mundo acadêmico para o mercado de trabalho?
- 12-No seu ambiente de trabalho, como é a relação entre a educação formal e sua aplicação nas atividades cotidianas?
- 13-Como você entende que seus colegas de outros setores compreendem e aceitam da sua área de atuação profissional?
- 14-Quanto à complexidade intelectual, como você entende a percepção dos profissionais de outras áreas sobre as atividades de arquivo?
- 15-Como você entende que a instituição enxerga estrategicamente o papel do arquivo?

16-Como o profissional de arquivo é identificado na sua instituição?

17-Como você lida com as possíveis percepções negativas da área de arquivo e de seus profissionais?

18-Como você atua na instituição para evidenciar as atividades intelectuais da carreira?

19-Pode citar alguma semelhança (estrutura, condições do ambiente, isolamento profissional etc.) entre a situação descrita na animação e algum momento profissional vivenciado por você?

20-Como valorizar a área de arquivo?

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

- 1) O curso conseguiu, de alguma forma, impactar seu entendimento sobre os profissionais de arquivo e suas funções na instituição? Se sim, de qual maneira? Se não, por quê?
- 2) De que maneira esta roda de conversa pode contribuir para o aprimoramento de suas práticas profissionais?
- 3) Qual sua opinião sobre os recursos metodológicos aplicados em relação ao uso de filmes nos encontros?
- 4) Numa escala de 0 a 10, considerando que zero correspondia a completamente insatisfeito/a e dez correspondia a completamente satisfeito/a, todos os participantes atribuíram nota máxima (10) ao nível de satisfação com o curso apresentado.
- 5) Justifique a resposta anterior:
- 6) Quais críticas e/ou sugestões você pode deixar a este curso, proposto como produto educacional da pesquisa “A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES DE ARQUIVO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ) À LUZ DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)”?